



era o meu carro. Eu disse que sim e perguntou-me logo em seguida se eu sou casada. Disse-lhe que não. E como a pergunta sobre o casamento veio tão ligada à pergunta sobre o carro, achei que poderiam estar ligadas e então perguntei-lhe porquê, para tentar perceber se na cabeça dela poderia ter que ver uma coisa com a outra. “Por nada, só queria saber”, respondeu. “E tu, és casada?”, perguntei-lhe. Disse-me que não, mas que já está prometida e “ela também”, disse referindo-se à Cristina. A Cristina desviou a cara e não consegui ler-lhe o que estava a pensar. Talvez um dia lhe pergunte sobre isso. Perguntei o que é que elas acham disso, de estar prometidas e ela só repetiu a ideia de que está prometida com um ar que me pareceu muito natural. Perguntei-lhe a idade. 18 anos, disse-me. (D12)

A Júlia entretanto comentou que descobriu no barco que a Cristina está prometida. E que parece que é com um rapaz mais novo, que tem uns quinze anos. (D15)

Entretanto chegou a hora de irem mariscar. A ideia era irem para a ria apanhar berbigão, aproveitando a maré baixa. Os jovens tinham vindo munidos de garrações de água de 5 litros vazios, para colocarem os berbigões. Acabaram por ir quase todos, ficaram três rapazes mais velhos da Ala 10, mais os 3 da Horta da Areia. (D15)

A família da Rita e do Henrique foi expulsa da comunidade e portanto, os dois já não vão poder continuar no grupo de teatro. Parece que o pai dos deles bebeu mais do que devia e acabou por discutir com o patriarca da comunidade, que os expulsou. Mudaram-se para Torres Novas, tanto quanto sabemos. A Júlia disse-me “A Rita, que tinha tanto jeito!” e lamentou-se ainda pelo Henrique que para além do teatro estava também muito envolvido na capoeira. “Mas é assim, é assim que funciona a comunidade”, disse-me com um tom de quem ao mesmo tempo que não gosta da situação, também não pode fazer nada para mudar as coisas. Disse-me ainda que parece que a comunidade para onde se mudaram é pobre e que não sabe se os miúdos vão ter algum tipo de apoio social, ou actividades como estas a que tinham acesso aqui. Falou-me de uma rede que eles já tinham construído e que lhes dava acesso a tudo, podiam frequentar a biblioteca e a partir daí utilizar os computadores, ler, ou ver filmes. Disse que lá vão ter começar do zero. Disse-me que quando o Márcio e o João souberam que o Henrique se ia embora disseram “Mas por causa de bebida?”. Também ficaram

**O que acham do casamento?**

**O que é que ela pensará disso?**

**A apanha de bivalves, actividade de sustentação**

**O patriarca, a lei cigana.  
O que pensarão os miúdos deste episódio?**

**As decisões da comunidade cigana a afectar os elementos do grupo de T.O.**

	tristes, contou-me a Júlia. Sobretudo o Márcio que era próximo do Henrique. (D16)	
<b>1.3. Famílias (situação sócio-económica e financeira)</b>	<p>A porta nesta altura estava encostada e entrámos. Lá dentro, na sala onde ensaiamos, encontrámos o grupo de dança do centro, “Las niñas”. Estavam a preparar-se para ir dançar, estavam a vestir-se. ... Havia um problema porque os Dreads da Horta, algumas meninas não tinham sapatos. ... A Sónia estava a dizer que não sabia o que tinham feito aos sapatos, que desapareceram do centro. As restantes já estavam calçadas com saltos altos e arranjavam os cabelos e a maquilhagem, mas havia o problema dos sapatos das pequeninas. As outras conseguiram arranjar sandálias, mas havia uma que só tinha uns chinelos cor-de-rosa muito sujos. Aliás, ela própria tinha um cabelo desgrenhado e os próprios pés estavam tão ou mais pretos do que os chinelos. A Sónia, enquanto atava o cabelo a uma pequena, perguntou à mãe da pequenina se não ela não tinha mais nenhuns sapatos para calçar, ao que esta disse que não. Lá mandou então a pequena ir lavar os pés e calçar então os chinelos e ela foi. Quando voltou estavam um pouco melhor e a Sónia tinha dito que não queria que ela dançasse de chinelos, mas eu lá a vi depois a dançar com os ditos chinelos. Entretanto a Sónia continuava sem saber o que tinha acontecido ao saco de sapatos que elas tinham para dançar. Passado um bocado aparece uma menina com um par de sapatos pretos com um ligeiro tacão e a Sónia quando viu perguntou onde é que ela tinha ido arranjar aquilo, que eram sapatos iguais aos que ela tinha para dançarem. Ela disse que a pessoa X, que não me lembro o nome, lhe tinha dado. Entretanto mais tarde elas vieram a descobrir que tinha sido alguém do Centro Comunitário que sem se dar conta tinha deitado o saco dos sapatos para o lixo. Falou-se que o que possivelmente aconteceu é que alguém os encontrou depois junto ao lixo e isso explica porque é que a rapariga os tinha. (D8)</p> <p>As fotos que vimos eram da peça de teatro na ESEC, mais algumas do grupo de dança “Las niñas” numa actuação que tinham feito no mercado municipal de Faro. Enquanto víamos as fotos o Henrique perguntava onde é que poderia revelá-las. A Júlia explicou-lhe que em qualquer loja de fotografias em Faro, basta levar as fotos num cd ou numa pen e que não é muito caro. Acabou por deixar as fotos no computador para eles puderem usar depois se quisessem. (D10)</p>	<p>A preocupação em revelar as fotografias. Talvez porque têm pouco acesso a computadores, e sem possibilidades de os ter em casa.</p>

	<p>Acabámos depois por falar do facebook. A Filipa estava a queixar-se que tinha umas quatro contas, porque tinha ido criando contas e queria apagar três e ficar só com uma, mas não sabia como fazer. Eu disse que sabia apagar mas entretanto ela não se lembrava nem dos e-mails nem das passwords de acesso e sem isso nada feito. A Rita também tinha criado uma conta e tentou aceder mas também não se lembrava do mail nem da password. Disse que tinha apontado e que isso estava em casa. Depois falaram de nos adicionar e como é que se escrevia o número da Júlia para poderem procurá-la no facebook. (D10)</p> <p>Acrescentou que do grupo, ele é que o vive em piores condições: com uma casa só com uma divisão onde vivem os pais, ele e os dois irmãos. Fiquei a saber que a Rita é sua irmã e que têm ainda um irmão mais novo. [D11]</p> <p>A Fátima e a rapariga mulata, que são mais velhas do que os outros, estavam a pedir à Júlia para ir amanhã a Olhão, com o grupo. A Júlia explicou que não cabíamos todos na carrinha, que só cabia o grupo e a Mafalda e que ela própria vinha comigo no meu carro. Acrescentou que elas até poderiam vir no meu carro não fosse o problema de, em caso de acidente, eu não pertencer ao centro portanto não estar coberta pelo seguro do centro e poderia ser complicado se lhes acontecesse alguma coisa. Sugeri que fossem de comboio porque é perto e não muito caro. Explicaram que sozinhas não podem “eles não deixam ir”, disseram referindo-se aos pais. (D12)</p>	<p>Novas formas de comunicação, facebook.</p> <p>A questão dos pais não as deixarem sair facilmente, um certo controlo. Será por serem mulheres e por terem medo do que se poderá passar fora da comunidade?</p>
<p><b>1.4. Ambiente no bairro</b></p>	<p>Cheguei à hora combinada e quando me aproximava de carro do bairro, vinda da entrada sul, a primeira coisa que ouvi foi música alta. Não demorei muito a deparar-me com uma série de gente na rua, na parte de trás do centro. Havia gente a dançar, outros sentados, mesas, cadeiras, tendas montadas... e mais do que outra coisa, marcou-me mesmo a música alta. Era música cigana. Saí do carro a pensar onde raio haveria de me dirigir. Estava um vento irritante que me atirava o cabelo para a cara. Fui caminhando em direcção à entrada do centro, no lado oposto da festa, como faço todas as sextas. Estavam lá umas crianças do bairro, disse-lhes “olá”, eles responderam de volta e percebi que o centro tinha a porta fechada. Fui então na direcção da música.</p> <p>Chegada lá, olhei à direita e vi crianças e jovens a dançar, raparigas sobretudo. A Ana estava lá e Natália também. À esquerda estavam as mesas e as cadeiras, com algumas tendas para fazer sombra e os adultos lá sentados. Numa outra tenda, junto ao “palco”</p>	

de dança improvisado no quadrado de cimento que me parece sempre ser o chão de uma casa demolida que ficou para trás, estava uma outra tenda, com umas painelas grandes. Aí avistei a Lídia e a Sónia. Fui nessa direcção. Cumprimentei-as e acho que a segunda coisa que perguntei logo à Lídia foi o que se estava a passar ali. Explicou-me que é a festa do 13º aniversário do centro comunitário. Depois perguntou-me se eu queria comer. Agradei, mas não aceitei. Tinha almoçado mesmo antes de sair de casa. A Sónia estava a servir alguém e vi que o almoço era carne à jardineira. Ali junto à tenda haviam caixas de fruta empilhadas, com mangas. Umas já estavam vazias, mas a maioria ainda tinham fruta. Fiquei por ali, a observar a animação geral. Junto à parede do centro debaixo de uma tenda estava o sistema de som e alguns rapazes lá de volta. Uma senhora já com uns quarenta e tal anos, de cabelo atado e saia comprida, foi para lá, pegou no microfone e começou a cantar a música que estava a tocar na altura. Cantava assim: “É felicidade. É felicidade. Ééé felicidade...”. As raparigas continuavam a dançar. (D8)

A rua, de terra, estava tranquila. Havia alguns cães a circular com as caudas em baixo e as línguas de fora, penso que devido ao calor. ... Vi algumas mulheres ciganas a entrar para uma dessas e passado pouco tempo saíram a transportar uma cadeira. Cada uma pegava num dos lados da cadeira e transportavam-na com tanto cuidado ou dificuldade que pensei por momentos que tinha alguém lá sentado, uma pessoa idosa pensei eu. Quando pousaram a cadeira ao sol e a viraram ligeiramente na nossa direcção é que percebi que não havia ninguém na cadeira, apenas um monte de mantas. Num barracão logo junto á estrada, de onde o João vinha, estava um rapaz de roda de uma carrinha branca, grande e com um aspecto novo. Tinha as portas abertas mas não percebi o que fazia lá dentro, não me pareceu que estivesse a limpá-la. Junto ao centro, chegou uma carrinha vermelha de dois lugares. Vinha um homem lá dentro que aí ficou, com a música em volume alto. De vez em quando, de dentro da barraca à porta da qual estacionou, saía uma cigana, com roupa toda molhada e com mantas que estava a levar para uma outra barraca ao lado. Perguntei-me se estariam a lavar a casa ou se seria algum problema de inundações, o que me parece improvável no verão. (D12)

Cheguei à Horta da areia pontualmente. Tínhamos combinado para as 16h. A primeira coisa que reparei foi que o bairro estava sossegado, sem grande movimentação na rua

		ou mesmo barulho. Não que costume ter muito barulho, mas normalmente há pessoas na rua, crianças a brincar na rua, cães a ladrar... Vi o João com a irmã e a mãe, em frente à sua casa. Elas estavam sentadas em redor de uma mesa. (D13)	
	<b>1.5. Relação com “outsiders”</b>	<p>A Júlia estava sentada em círculo com o grupo das crianças, eram uns sete e estavam a fazer um exercício sentados nas cadeiras. Quando entrei as crianças olharam para mim e perguntaram “Quem é aquela?” e ela respondeu “É uma amiga minha.” “É o que é que 'tá aqui a fazer?” “Depois eu explico, vamos continuar.” Fiquei a pensar que se calhar não devia ter entrado assim e deveria ter esperado para ela acabar para não perturbar, mas depois apercebi-me que a minha presença só suscitou uma curiosidade inicial que logo foi esquecida pois voltaram a concentrar-se no exercício. (D3)</p> <p>Fui caminhando em direcção à entrada do centro, no lado oposto da festa, como faço todas as sextas. Estavam lá umas crianças do bairro, disse-lhes “olá”, eles responderam de volta e percebi que o centro tinha a porta fechada. Fui então na direcção da música. (D8)</p> <p>A Júlia disse-me ainda que vai haver um elemento mais novo no grupo, que eu ainda não conheci, mas que tem muito jeito para o teatro e que percebeu muito bem como funciona. É do grupo de teatro dos mais novos, com quem ela também trabalha, mas ela achou que para o motivar seria bom passá-lo para os ensaios dos mais velhos.</p> <p>Disse-me que no outro dia o encontrou na rua e que ele ia com os colegas da escola e uma professora. Ao vê-la, correu para ela e apresentou-a à professora que o acompanhava como “a professora de teatro”. A Júlia disse-me que a professora respondeu: “Ah, então é verdade?”. Ou seja, pelos vistos ele tinha contado que andava no teatro e ela deve ter achado que ele estava a mentir. Quem sabe tenha pensado que os miúdos do bairro não fazem teatro, disse-me a Júlia. (D19)</p>	<p>Parecem estar habituados a receber pessoas no bairro. Não lhes causa estranheza a minha presença.</p> <p>Preconceitos de quem olha para a comunidade e para os ciganos.</p>
2. Centro Comunitário	<b>2.1. Relação técnicos-comunidade</b>	<p>Entre pela porta da frente do centro comunitário e dirigi-me à sala para ir ter com ela. Pelo caminho cruzei-me com as crianças em fila, coordenadas por uma mulher loura. (D1)</p> <p>No fim todos arrumámos a sala e quando a M. chegou pediu-lhes que fechassem as janelas e arrumassem os livros. Assim fizeram e foram saindo despedindo-se de</p>	

nós.(D1)

No fim do ensaio as duas raparigas perguntaram se podiam participar na peça e aí as coisas dividiram-se com o M. e a Z. em posições opostas. A Z. disse que “sim, claro”, o M. dizia que não e acrescentou a dada altura que se elas entrassem ele saía. ... Entrou a C. entretanto e exposta a situação ela falou da questão da idade, as raparigas têm 18 anos e não frequentam o centro, pelo que estão fora do público que se pretende para aquele grupo, além disso teriam que vir mesmo aos ensaios. Ficou mais ou menos estipulado que não vão entrar no grupo pela questão da idade e de não serem frequentadoras do centro, mas ficou no ar a possibilidade (que a L. já me tinha dito que estava a ser falada) de se criar um outro grupo de teatro, de adultos e aí elas poderiam participar. (D3)

Quando saímos estavam a ser distribuídos ovos da Páscoa pelos jovens, que estavam a dividi-los entre eles e nos perguntaram se nós as duas queríamos. (D4)

Entretanto chegou a Lídia que mandou as 3 para a rua dizendo que elas estavam a fazer barulho e a equipa estava a tentar trabalhar e que ainda faltava algum tempo para o teatro e elas estavam ali desde as 15h30. (D6)

Fui ter com os miudos à sala e foi então que vi que só lá estavam a Filipa, Rita, o Henrique e o João. Estavam a arrumar a mesa. Perguntei pelo resto do pessoal e eles disseram-me que eles só saíam da escola às 17h, por isso não vinham. O arrumar a mesa na sala de ensaio tinha sido uma condição imposta pelo Pedro, eles arrumavam a mesa e então poderiam ir para o computador. (D10)



penso já que ela ainda tinha que ficar com os sapatos um bocado. Ela encolheu os ombros e disse que não valia a pena, que não doía muito. (D8)

Quando acabou começou a apresentar o grupo. Disse: “Este grupo é um grupo muito especial. Primeiro é um grupo de adolescentes, portanto são actores jovens. É a primeira vez que ‘tão num palco digamos assim. Ontem tivemos um ensaio geral um pouco particular, no meio do vento, no bairro deles. Aa tínhamos público também no palco, portanto foi um pouco caótico mas foi com muita energia e muita alegria e isto foi importante. Mas é a primeira vez que apresentamos assim numa sala que parece um pouco uma sala de teatro, etcetera. Eles ainda nunca fizeram fórum portanto eu acho que também para eles vai ser aprendizagem, o que é que vai ser o fórum não é? Aa e é uma história que construímos em conjunto. Eles escolheram os papéis que queriam fazer, os diálogos também foi eles que fizeram, escolhemos as músicas, os adereços, os nomes das personagens, o nome do grupo e o nome da peça. Eu facilitei, digamos assim. A peça chama-se ‘A minha camisola vale mais que a tua casa’ e o nome do grupo chama-se ‘Minoria do Gueto’. É um nome bem forte. Esses jovens vêm dum bairro que chama-se ‘Horta d’Areia’ e a minha participação com estes jovens vem através de um projecto que é da Cruz Vermelha que é o projecto ‘Mais Próximo’ que a Mafalda é uma das representantes aqui e ‘tôu a trabalhar no centro comunitário da Horta da Areia que também aqui há voluntários e técnicos aqui sentados no público, portanto se calhar também no fim querem fazer perguntas a essas pessoas que trabalham diariamente com esses jovens, podem á vontade. É uma forma de aprender coisas novas! Pronto!”. (D9)

Houveram duas situações que me chamaram a atenção e que já tinha achado interessante quando jogávamos ao lencinho da botica no outro dia. Desta vez, quando estávamos no computador eu estava sentada ao lado da Rita e ela sem querer deu-me um toque com o cotovelo e pediu-me desculpa. Também a Filipa se interessou pelo meu piercing na orelha e pediu-me licença para mexer. Não foi nada de mais, mas de facto em pequenas coisas vou percebendo que eles são miúdos que têm atenção à forma como se relacionam com as pessoas, seja lá o que for que isso significa! (D10)

Cheguei à Horta da Areia às 10 para as 4h da tarde. Estacionei em frente ao centro

**São cuidadosas no relacionamento com os outros. Boa-educação. Respeito.**

comunitário ... Quando estava a dar a volta ao carro vi o João, que vinha na minha direcção. Cumprimentámo-nos, falámos sobre o calor infernal e ficámos à sombra à espera do resto do pessoal. Reparei que apesar do calor ele trazia o mesmo género de calças de fato-de-treino de algodão, grossas, que traz sempre. (D12)

Depois chegou a Cristina. Vinha de vestido curto, sandálias e o cabelo preto solto como sempre. (D12)

Entretanto o Márcio, quando chegou novamente, porque entretanto tinha ido não sei onde, perguntou se tinha tempo de ir a casa. A Júlia disse que sim e ele explicou que ia rápido a casa refrescar-se. E foi exactamente o termo “refrescar-me” que utilizou. Passado um bocado, vi-o a espreitar junto à sua casa, lá ao longe, junto à casa do João. Tinha os braços no ar para nos chamar a atenção, mas como estava quase toda a gente de costas só eu é que o vi. Fez-me sinal com a mão aberta, a pedir para esperarmos. Quando voltou vinha com o cabelo molhado, penteado e tinha mudado de roupa. A Júlia meteu-se com ele: “Ui, o Márcio foi tomar banho.” (D12)

Quando ele [o João] se aproximou reparei que tinha umas calças de algodão de fato-de-treino do género das que costuma usar. A t-shirt que trazia pareceu-me nova, ou pelo menos estava com um aspecto de ter sido pouco usada. Perguntei-me se ele não teria calor com aquelas calças que me pareceram tão quentes. (D13)

Entretanto chegou a Filipa e perguntou-me logo pelo pessoal, ao que eu contei o que sabia até ao momento. Estava de vestido azul, curto, cai-cai, com umas lantejoulas à frente. Calçava umas sandálias de salto raso e tinha o cabelo molhado. Além disso, cheirava muito bem. E não é que costume cheirar mal, mas é que nem era preciso estar muito perto dela para se sentir o cheiro a perfume ou creme. (D13)

Entretanto chegaram a Rita, Natália e Elizabete. Também elas vinham todas cuidadosamente produzidas, com maquilhagem e tudo. A Rita e a Natália traziam os vestidos que usam para o figurino das suas personagens. O da Rita é um vestido cor-de-rosa choque, cai-cai, até ao joelho. O da Veronica é um vestido azul escuro com pequenas bolas brancas como padrão e tem um cinto incorporado que lhe dá um ar

	<p>elegante e clássico. A Rita calçava umas sandálias de salto alto prateadas e a Natália umas socas pretas, também de salto. A Cristina trazia também um vestido giro e umas sandálias de salto alto calçadas. Trazia uma caixa de sapatos com umas sandálias de salto raso, penso que para calçar depois. Mas às tantas perguntou-me se podia calçar as sandálias que tinha na caixa e eu disse-lhe que sim, claro e que até podia usá-las para a peça, não precisava de usar saltos altos.</p> <p>Ficámos à espera que chegassem a Júlia e a Mafalda. As meninas falavam de maquilhagem. A Natália tinha trazido uma bolsinha com maquilhagem e estava a colocar sombra nos olhos da Rita. Entretanto a Filipa e a Ana juntaram-se. A Ana vinha com uma roupa confortável como usa normalmente. Tinha uns calções curtos de ganga e uma blusa de alças. A Natália colocou-lhe uma sombra azul nos olhos. (D13)</p> <p>E no meio disto tudo a boa notícia é que o teatro continua. Com dois elementos a menos, é certo, mas ainda assim o projecto vai continuar. Parece que se vai fazer uma pequena fusão entre os elementos de um outro grupo da comunidade com quem a Júlia trabalha, os Dreads da Horta. São mais novos, mas parece que há dois elementos que já são mais um pouco mais maduros e a Júlia acha bem colocá-los a ensaiar com o Minorias do Gueto para os incentivar. E depois há o Valentim que é amigo do Henrique, Márcio e João e que esteve connosco na apresentação da pela na ESEC. Parece que ele estava interessado em entrar, por isso vai passar a fazer também parte do grupo. (D16)</p> <p>Quando cheguei à comunidade estava o Valentim com dois rapazes mais novos na rua, à porta do centro. Ouvi-os a comentar “Quem é aquela” quando me viram. ... O Valentim é um rapaz alto, magrinho, com o cabelo despenteado. Ou então está penteado à maneira dele, porque lhe dá um certo estilo “dread”. Os dois outros rapazes são mais pequenos. O mais pequeno de todos é de pele branca e bem falante. Tem cabelo castanho. O outro tem a pele um pouco mais escura, pareceu-me um pouco gozão, porque estava a meter-se cm a Natália e depois com o Valentim. (D17)</p>	
<p><b>3.2. Enquadramento familiar</b></p>	<p>Os dois rapazes que faltavam, o Z. e o outro ainda não sei o nome, tinham ido a um encontro de capoeira em Portimão. Ou pelo menos um deles tinha, alguns elementos do</p>	

grupo disseram que viram o outro a andar de bicicleta junto à ria, porque o pai não o tinha deixado ir a Portimão. (D4)

Entretanto chegou a irmã do João, ou pelo menos na altura concluí que era irmã porque era mais velha um pouco, com a mesma estrutura física (gorda) e pelo discurso apercebi-me qual era o grau de parentesco. Eu não percebi muito bem o que se tinha passado, mas pela forma abrutalhada com que estava a falar com ele, pareceu-me que estava chateada com alguma coisa. Queixava-se que ele tinha deixado o irmão sozinho e que tinha que voltar para casa. O João estava a pedir-lhe para ela o deixar ficar mais um bocado, disse qualquer coisa como “Fogo, deixa-me só fazer o teatro”. Depois perguntou-me quanto tempo demorava para começar a peça, eu respondi-lhe que era só o tempo da Júlia acabar a demonstração com os Dreads da Horta. A irmã saiu porta a fora e mais tarde, quando eu estava a ir para a parte de trás do centro, onde íamos apresentar a peça, vi-a a passar com um menino mais novo, também ele gordinho, ao seu lado. Calculo que fosse então o outro irmão do João. Enquanto passava por eles ouvi-os a falar e ela disse que não sei quem estava no hospital. *Calculo que estivesse a haver ali algum problema com alguém da família.* Entretanto ela acabou por ir assistir à peça de teatro. (D8)

Como hoje tive com a Júlia e a Mafalda acabámos por falar da Horta da Areia.

A Mafalda começou a dizer à Júlia que se calhar tinham que se encontrar logo de manhã, pois parece que os pais do João estão a levantar alguns problemas quanto a ele ir a Olhão no sábado à tarde, ao festival multicultural da Moju. A ideia era de manhã irem falar com os pais dos miúdos, sobretudo os do João, para os convencerem a deixá-los ir. (D11)

Mais tarde estava a falar com a Mafalda ... Eu disse que também me preocupa um pouco as entrevistas que vou ter que lhes fazer, sobretudo pelo Henrique que me parece ser o mais retraído e tímido e não sei se será fácil conseguir que me responda. Depois referi-lhe que ainda por cima me chateei com ele no dia da apresentação da peça na ESEC e contei-lhe o episódio da bola. Ela disse que nem parece dele, que normalmente é muito tranquilo, mas que nesse dia devia estar louco por estar na universidade. Acrescentou que do grupo, ele é que o vive em piores condições: com uma casa só com

**Não é só uma questão das raparigas, as saídas dos rapazes também têm que ser negociadas.**

	<p>uma divisão onde vivem os pais, ele e os dois irmãos. Fiquei a saber que a Rita é sua irmã e que têm ainda um irmão mais novo. [D11]</p> <p>Ele [o João] disse-me que estava a ver que a mãe não o deixava ir amanhã a Olhão, mas que esta manhã a Júlia falou com ela e ela deixou logo. Eu perguntei se ele sabia porque é que ela não deixava e ele encolheu os ombros. Depois perguntei se os pais dele não gostam que ele ande no teatro e aí já ouvi um “Gostam!” decidido. Acrescentou que a mãe não sabia o que se ia passar em Olhão e por isso não deixava mas que quando a Júlia explicou, deixou logo. (D12)</p> <p>O João disse-me que viu a Ana a sair de carro com o pai. E nesse preciso momento avistamos a Ana a chegar, a pé. Trazia uma caixa de dvd na mão. O João perguntou se ela não tinha saído com o pai e ela disse que não, que tinha ido à biblioteca. O João contou que tinha visto o pai dela a sair e que iam duas raparigas de cabelo comprido com ele e que uma parecia ser ela. (D12)</p>	
<p><b>3.3. Outras actividades de O.T.L.</b></p>	<p>Os dois rapazes que faltavam, o Z. e o outro ainda não sei o nome, tinham ido a um encontro de capoeira em Portimão. (D4)</p> <p>A Rita, Filipa e a Cristina, pertencem ao grupo de teatro Minorias do Gueto e dos mais pequenos uns quantos pertencem ao grupo de teatro Dreads da Horta e todos eles incorporam também o grupo de dança. (D8)</p> <p>O Henrique, por sua vez, andava de camisa e tinha uma gravata para fazer o nó. Mas ninguém sabia dar um nó na gravata. A Júlia, que estava a ajudá-lo, perguntou se eu sabia, ao que eu disse que não. Ele ia também dançar. (D8)</p> <p>O João disse-me que viu a Ana a sair de carro com o pai. E nesse preciso momento avistamos a Ana a chegar, a pé. Trazia uma caixa de dvd na mão. O João perguntou se ela não tinha saído com o pai e ela disse que não, que tinha ido à biblioteca. ... A Ana mostrou o dvd, era do Harry Potter. A Júlia perguntou qual o número, mas ela não sabia. (D12)</p>	<p><b>Capoeira</b> <b>Danças ciganas</b></p> <p><b>Ver filmes</b></p>
<p><b>3.4. Escola</b></p>	<p>Entretanto a conversa saltou para as classificações de fim de ano. A Ana disse a sorrir</p>	

	<p>que passou para o 6º ano. O João disse que ainda não viu mas que acha que também passou, com uma negativa a educação física e música. Eu perguntei-lhe porquê a música, se ele não gosta. Começou a rir-se e escondeu-se atrás do pilar que sustende o alpendre onde estávamos. A Ana disse que é que porque ele não se porta muito bem. Eu perguntei o que é que ele faz. Ele ainda a rir-se disse: “Depende dos dias!”. A Ana disse então que acha que vai ter um 5 a inglês. “Um 5 Ana? Boa! Inglês é difícil.”, disse-lhe eu. “Eu gosto”, respondeu-me. E acrescentou que o teste foi fácil. A Cristina, no outro lado, disse que acha que vai chumbar. A Júlia perguntou porquê e como é que ela sabe se ainda não viu as notas, ao que ela respondeu: “Porque vou ter 4 negas, a matemática, português, a ciências ou lá o que é...”. A Júlia partilhou então com ela a sua estratégia quando andava a estudar. Disse que quando começou a ficar farta da escola, começou a aplicar-se mais que era para não chumbar o ano e se livrar rapidamente daquilo. (D12)</p>	<p><b>Está prometida. Será por isso que não gosta de estudar? Porque não vê utilidade nos estudos para o seu futuro?</b></p>
<p><b>3.5. Relações intragrúpis</b></p>	<p>Enquanto esperávamos que a L. acabasse com as crianças consegui observar os jovens e a forma como lidam uns com os outros. Apesar das brincadeiras e embirrações quase constantes uns com os outros, há pequenos momentos em que tratam de chamar a atenção a dizer “aleijaste-me, tem cuidado!” ou ficam mesmo a conversar sobre algum assunto de interesse, para além de partilharem entre si algumas coisas como os “Mentos”, o Magalhães do Z. ou o leitor mp3 do M. (D3)</p> <p>Ainda demorámos um bom bocado a começar porque era o dia de trocarmos de papéis e primeiro que eles decidissem que é que ia ser quem, ainda levou um bocado e a Júlia teve que lhes chamar a atenção para o facto de irmos ensaiar várias vezes e depois poderiam trocar de papéis outra vez. (D3)</p> <p>No fim do ensaio as duas raparigas perguntaram se podiam participar na peça e aí as coisas dividiram-se com o M. e a Z. em posições opostas. A Z. disse que “sim, claro”, o M. dizia que não e acrescentou a dada altura que se elas entrassem ele saía. A L. chamou-lhes a atenção, especialmente ao M. e disse que não são eles que decidem, que</p>	

isso tem que ser uma decisão tomada por todo o grupo e que além disso ainda vai ter que se falar com a C. e a M.e o D. porque a última decisão tem que passar sempre por eles. (D3)

Entretanto o Henrique disse-me que ia chamar o João e o Márcio e a Filipa pediu à Lídia para arranjar um pano. Quando tinha o pano foram para a rua e perguntaram-me se eu queria ir, para jogarmos ao lencinho da botica. Eu fui. Ficámos à porta do centro na parte de cimento e aí começámos a jogar. Eu fiz equipa com a Ana, a Filipa segurou o lenço e a Rita ficou a jogar contra nós as duas. Mesmo com a Rita a jogar sozinha, acabámos por perder. Depois ficou a Rita a segurar no lenço e a Filipa a jogar, aí acho que ganhámos. Mas não tenho a certeza porque a verdade é que às tantas deixámos de contar os pontos e ficámos só a jogar. Gostei de jogar com elas, senti-me bem e consegui perceber que são de facto um grupo de miúdas bem-educadas. E escrevo isto porque houve uma ou duas vezes que a Rita me pisou e pediu-me desculpa, para além de que mesmo entre elas têm uma relação de respeito e tratam-se da mesma forma. Entretanto o João chegou e juntou-se a nós, pelo que a equipa ficou equilibrada e começámos a jogar 2 contra 2. (D6)

A Filipa o Márcio e a Cristina começaram a brincar. Eu acho que o termo mais certo seria embirrar, sobretudo o Márcio e a Cristina, que começaram a embirrar um com o outro. O Márcio chateava a Cristina, empurrava-lhe a cabeça, roubava-lhe coisas e fugia para as dunas... eu disse que já vi tanto ódio dar em amor e a Júlia concordou e ainda meteu mais água na fogueira. (D15)

Esta semana tive novidades no facebook, referentes ao grupo. O João fez upload de algumas fotos do grupo de teatro que tirámos quando apresentámos a peça na ESEC e identificou o pessoal do grupo nas fotos. A Lendra e a Natália comentaram algumas, a Filipa também embora no perfil de facebook apareça com o nome de Mara, o que me fez não conseguir identificá-la logo. A foto mais comentada foi uma de grupo em que estamos todos juntos ... A Ana escreveu: “Belos mumentos no tiatro”. O João disse: “Memo a serio”. A Ana disse: “A cara da Filipa ta linda e a cara do Márcio então no meio de 2 gajas ui ui” E deixou outro comentário a seguir: “O JOÃO E O KE TA MAIS ENGRAÇADO E TA BOE FIXE ADOREI\*\*\*\*”. “Ya” disse a Mara/Filipa.

**O João, será ele uma espécie de líder do grupo?**

	<p>“Tão giros que estamos :D Muito fixe. Devíamos criar um grupo no facebook... assim podíamos partilhar fotos. O que acham?”, perguntei eu. A Ana colocou um “Gosto”. A Rita escreveu: “epa entao e eu ja nao conto amigos do meu coracao”, ao que a Ana disse: “ohohoh tao fofinha ke e a nossa zildinha“. “ya claro que contas zizi me amori lol :D”, respondeu o João. A Natália comentou por sua vez: “Ahahah Grandes malucos ahahahah”.</p> <p>Eu tinha enviado uma mensagem no dia 10 à Rita a perguntar: “Estás bem minha linda? Como correm as coisas aí na nova terra?”, ao que esta semana ela me respondeu, no dia 14: “mal nao gosto de tar aqui”.</p> <p>Também houve uma foto em que ela colocou um comentário, por baixo de um comentário da Júlia. Dizia: “Dá-me o teu numero”. (D18)</p> <p>Hoje fui com a Júlia a uma reunião na Associação Âncora e quando acabou ficámos na rua a conversar sobre os ensaios de teatro. Vão arrancar na quarta-feira da semana seguinte, dia 2 de Novembro, porque entretanto houve um problema com o grupo, que foi detectado e resolvido pela Sónia, do Centro Comunitário. Parece que o problema foi com a Natália que quando aparecia no centro estava sempre sozinha e distanciada do grupo. A Sónia em conversas com a Júlia achou que isso se devia a uma rapariga da comunidade que, por não poder fazer parte do grupo de teatro, andava a voltar a Natália contra os restantes membros do grupo e vice-versa e disse-lhe que ia investigar e resolver a situação. E assim foi. Descobriu o eu se passava, pregou um raspanete aos envolvidos e entretanto parece que as coisas melhoraram. (D19)</p>	<p><b>Uma decisão que parte da estrutura das famílias ciganas do bairro afecta-os individualmente e muda a sua vida.</b></p> <p><b>Problemas grupais devido a terceiros.</b></p>
<p><b>3.6. Relações com a comunidade</b></p>	<p>A Natália chegou também, acompanhada de uma rapariga a que chamaram de “Chinesa”. Já tinham falado dela quando estavam a falar das notas, porque o João estava a dizer á Ana que ela se calhar ia ficar na turma da Chinesa. Foi fácil perceber porque é que tinha essa alcunha, é que apesar de ser branca, tem uns olhos rasgados que fazem lembrar os olhos dos asiáticos. A Natália trazia consigo uma mala de computador portátil. Perguntei-lhe se ia levar o computador para o ensaio ao que me disse que sim. Entretanto chegou a Rita, vinha também acompanhada com uma rapariga cigana loira, mais nova, que ficou a meio caminho. (D12)</p> <p>O João disse-me que viu a Ana a sair de carro com o pai. E nesse preciso momento</p>	<p><b>A questão da vizinhança. Todos</b></p>

avistamos a Ana a chegar, a pé. Trazia uma caixa de dvd na mão. O João perguntou se ela não tinha saído com o pai e ela disse que não, que tinha ido à biblioteca. O João contou que tinha visto o pai dela a sair e que iam duas raparigas de cabelo comprido com ele e que uma parecia ser ela. A Júlia chamou-o de cuscú. (D12)

O último ensaio foi um desastre pareceu-me, já eram quase 17h e eles quiseram ensaiar mais uma vez, mas demoraram novamente a escolher quem era quem e às tantas entraram duas raparigas, não reparei exactamente quando porque devia estar de costas, mas parece que ainda os distraíram mais. ... No fim do ensaio as duas raparigas perguntaram se podiam participar na peça e aí as coisas dividiram-se com o M. e a Z. em posições opostas. A Z. disse que “sim, claro”, o M. dizia que não e acrescentou a dada altura que se elas entrassem ele saía. ... Saímos todos do centro e o M. estava ainda claramente contrariado. A L. foi falar com ele, chamar-lhe a atenção para o facto das decisões terem de ser tomadas em grupo e de ele não poder simplesmente decidir assim que não. Ele voltou a manter a sua posição de que “se elas entrarem eu saio” (D3)

Entretanto chegou um rapaz de bicicleta a pedal. Era de etnia cigana. Para além da pele escura, falava de uma forma diferente e eu nem sempre entendia o que ele estava a dizer. Começou a falar com a Rita. Tratava-a por “meu amor” e ela lidava com ele com um grande à vontade e sem paninhos quentes, mesmo aparentando ele ser bem mais velho do que ela. No fundo parecia que ela estava a lidar com alguém da sua idade. Entretanto chegou o Henrique. Trazia as calças brancas e a t-shirt da capoeira. Passado um bocadinho juntou-se um outro rapaz, aparentemente mais velho e também ele cigano, que vinha de uma das casas junto ao centro comunitário, uma daquelas que tem uma marquise de latão. Ficou a falar com o Henrique e o João. O rapaz da bicicleta juntou-se a eles. O Henrique e o João estavam a gozar com o rapaz mais velho, por causa dos dentes. Perguntavam-lhe se ele tinha ido ao dentista já que lhe faltavam uns dentes ali à frente e depois riam-se. Às tantas os dois que não são da Minoria do Gueto começaram a falar entre eles e o Henrique e João ficaram a ouvir, mas depois começaram a sorrir entre eles. Às tantas comentaram com os outros dois o que é que eles estavam a dizer, que estavam a falar à cigano e não se percebia nada, disse o João, também ele a tentar forjar um sotaque parecido. Foi então que eu percebi que eles os dois, tal como eu,

**sabem um pouco da vida dos outros. Controlo.**

**Porquê esta reacção? Medo? Não gosta delas?**

**O dialecto cigano.**

	<p>também pareciam estar com dificuldade em perceber aquele dialecto que parecia uma mistura de português com espanhol e um sotaque olhanense. (D13)</p>	
<p><b>3.7. Relação com “outsiders”</b></p>	<p>Aproximei-me do sofá dos jovens, cumprimentei-os, alguns cumprimentaram-me, as raparigas sorriram, o M. disse-me “Boa tarde Vânia” e o Z. e o Henrique continuaram a conversar. ... O M. perguntou-me se eu queria um “Mentos”, eu aceitei. (D3)</p> <p>Quando saímos da sala, depois de termos voltado a colocar tudo como tínhamos encontrado, ficámos à volta da rapariga preta que estava com a irmã no computador. O Márcio não parava de se meter com ela e às tantas eu disse-lhe que já vi tanto ódio dar em amor, ao que ele respondeu que ela é que “Ela é que já gostou de mim, era da minha turma”. Como eles estavam a fazer algum barulho lá veio a senhora responsável mandá-los calar explicando que estava a decorrer uma formação, pelo que achámos melhor levá-los para a rua. Lá fora, o Márcio continuou a meter-se com a irmã mais nova da rapariga, que entretanto saiu atrás dele para lhe bater. (D12)</p> <p>Houve uma vez que fui a banhos com a Filipa e o Márcio, porque me deixei convencer pela Filipa... Entretanto juntaram-se a nós três rapazes da Ala 10. O Márcio começou a brincar com eles. Colocavam-se às cavalitas uns dos outros e toca de mergulhar. Perguntei à Filipa se sabia os nomes deles ao que me respondeu: “Eu não!” com uma entoação desinteressada. Perguntei-lhes então os nomes e ali nos apresentámos, se bem que má como sou a decorar nomes, já esqueci. Enquanto eles foram brincando eu e a Filipa começámos a caminhar para sair da água. Pelo caminho perguntei-lhe se não fala com o pessoal da Ala 10 ao que me disse que não. Perguntei-lhe se não gosta deles. Respondeu-me que não. Perguntei porquê ao que me respondeu: “Não sei, porque não.” Depois acrescentou: “Eu não os conheço. Não confio neles”. “Ah, mas se calhar se os conhecesses até ias gostar deles, ou não?”. “Não me parece”, respondeu-me muito convictamente. Depois começou a falar-me duma rapariga da Ala 10, que estava lá na praia connosco, a mais velha de todas. Disse-me que dela então é que não gosta nada. Mais uma vez eu quis saber porquê. Disse-me que não sabe, ninguém gosta dela. “Ela é estúpida”, acrescentou. E ficámos por aqui com esta conversa. ... Mais tarde comentei isto com a Júlia, ao que ela me disse que se apercebeu que as raparigas da Ala 10 têm inveja das da Horta da Areia porque estas são bonitinhas e andam sempre todas arrançadas e bem vestidas.</p>	<p><b>Fronteiras? Para se protegerem de quem é de fora? Ou medo de quem não conhecem? Porquê? Medo do quê? Insegurança porquê?</b></p>

	<p>(D15)</p> <p>A Filipa o Márcio e a Cristina começaram a brincar. ... Enquanto eles brincavam os da Ala 10 estavam ali à parte, ao sol. Estavam a ouvir música no telemóvel. Era música cigana. O mais velho estava a fumar. Às tantas levantou-se e disse ao Márcio para lhe ir buscar qualquer coisa que já não me lembro. O Márcio estava deitado debaixo da sombrinha a implicar com a Cristina e disse-lhe brandamente “Vai tu, a sério.”. O outro insistiu. Ele já tinha feito o mesmo com os outros mais pequenos que o rodeavam, umas duas vezes e aconteceu que eles foram buscar aquilo que ele pediu. Mas o Márcio não foi e ele acabou por ter fazer o resto do percurso até à sombrinha. (D15)</p>	<p><b>O Márcio relaciona-se com elementos de fora do bairro. Será por ser rapaz e não cigano?</b></p>
<p><b>3.8. Situações marcantes dentro do bairro</b></p>	<p>Quando a L. acabou com as crianças e estas saíram disse ao grupo que temos uma apresentação antes da que estava prevista em Julho e explicou-lhes que vai ser em Junho, na Universidade. Eles ficaram entusiasmados, saltaram de alegria e quiseram logo saber onde é a universidade. A Júlia explicou que é na Penha. O M. disse que vão gozar com eles, a L. disse “Não vão nada, eles não sabem fazer teatro e vocês sabem!”. Entretanto a L. acrescentou que eu já lhe tinha dado o vídeo da peça que fizemos que tínhamos falado na semana passada e que não tinha trazido o computador para ver, mas que víamos depois para eles perceberem o que é um fórum e como funciona. Perguntaram porque é que não podíamos ver logo e ela repetiu pacientemente a informação que tinha acabado de dar. O M. perguntou se podemos fazer essa peça, com o “Toninho” e a L. explicou que não tem muito a ver com eles e que por isso não vamos fazer para já. (D3)</p> <p>No fim do ensaio as duas raparigas perguntaram se podiam participar na peça e aí as coisas dividiram-se com o M. e a Z. em posições opostas. A Z. disse que “sim, claro”, o M. dizia que não e acrescentou a dada altura que se elas entrassem ele saía. A L. chamou-lhes a atenção, especialmente ao M. e disse que não são eles que decidem, que isso tem que ser uma decisão tomada por todo o grupo e que além disso ainda vai ter que se falar com a C. e a M.e o D. porque a última decisão tem que passar sempre por eles. Entrou a C. entretanto e exposta a situação ela falou da questão da idade, as raparigas têm 18 anos e não frequentam o centro, pelo que estão fora do público que se pretende para aquele grupo, além disso teriam que vir mesmo aos ensaios. Ficou mais</p>	<p><b>Preocupação com o que os outros vão pensar.</b></p> <p><b>A Júlia responde no sentido em que se sintam valorizados, que pensem que sabem fazer algo diferente e que se sintam bem com isso.</b></p>

ou menos estipulado que não vão entrar no grupo pela questão da idade e de não serem frequentadoras do centro, mas ficou no ar a possibilidade (que a L. já me tinha dito que estava a ser falada) de se criar um outro grupo de teatro, de adultos e aí elas poderiam participar. Saímos todos do centro e o M. estava ainda claramente contrariado. A L. foi falar com ele, chamar-lhe a atenção para o facto das decisões terem de ser tomadas em grupo e de ele não poder simplesmente decidir assim que não. Ele voltou a manter a sua posição de que “se elas entrarem eu saio” (D3)

Começámos então a escolher nos cd's que eles tinham algumas músicas ciganas que poderiam dançar. Andávamos á procura de uma música que fosse cigana, mas recente, para mostrar um género diferente daquele que é usual ouvir. As miúdas começaram a dançar (D4).

Como a Directora fica sentada ao lado do professor Isidoro, representado pelo M., ficámos os dois na sala enquanto a “turma” foi lá para fora para entrar na sala de aulas. Ele lembrou-me que faltam três semanas para apresentar a peça na universidade. Eu disse-lhe “vais ver que vai ser divertido”. (D5)

Com a capoeira na peça, alterámos um pouco a coisa e o que acontece é que a Directora agora vai ter que interromper os dois rapazes e mandá-los para dentro da sala, chateando-se por eles estarem a lutar. Ensaiámos uma e outra vez. Depois ficámos a decidir qual a música de capoeira que deveríamos cantar. Os dois rapazes da capoeira ensinaram-nos algumas músicas e ficámos a treinar cantar e fazer ritmos, enquanto eles iam lutando. A L. tinha dito para a Directora interromper a luta deles e como eu era a directora, foi o que fiz, durante a “luta” deles, aproveitei que um se desequilibrou e caiu no chão e avancei gritando com as mãos na cabeça: “Parem que vocês ainda se matam!”. O Z. que estava ao pé de mim disse-me com as sobrancelhas franzidas “Não faz mal, isto é mesmo assim!”. E eu, ainda na personagem, disse-lhe: “É mesmo assim não, não é suposto vocês andarem a lutar no intervalo!”. E foi então que a L. nos interrompeu e disse: “Estamos a representar Z!”. E desatámos todos a rir. (D5)

A Júlia levou perucas e alguns adereços como óculos e uma bata e então começámos por escolher e experimentar os adereços para ver quais os que ficavam melhor a cada

personagem. Os miúdos estavam entusiasmadíssimos, todos queriam ficar com uma peruca, depois experimentavam os óculos, depois trocavam, depois davam palpites... enfim, foi a confusão total. O Márcio e o Henrique trouxeram a roupa da capoeira uma vez que na peça vão lutar capoeira e decidiu-se que o Márcio ia usar uma peruca cor-de-laranja com um ar punk e uns óculos de sol. A Natália foi a casa rapidamente buscar um vestido e umas socas, para dar um ar adulto à sua Directora. A Rita arranjou uma mala rosa-choque e colocou uns óculos de ver com uma graduação enorme e o João uma peruca, um bigode e uns óculos. À Márciozinha calhou uns longos cabelos grisalhos e a bata. A Júlia ficou de trazer ainda uma peruca para a Directora, para compor ainda mais o seu figurino. O difícil foi conseguir explicar aos restantes que não podiam levar perucas porque eram os oprimidos e nós não gozamos com os oprimidos, só com os opressores. A Júlia teve que repetir umas quantas vezes que eles tinham que ir vestidos normalmente para mostrar às pessoas que os jovens da Horta da Areia não se vestem mal, são crianças normais. Acabaram por se conformar e começámos a ensaiar. (D6)

Quando acabámos o ensaio faltavam quinze minutos para as cinco horas. O Henrique estava a insistir para que ensaiássemos mais uma vez, mas acabámos por não ensaiar. (D6)

Quando cheguei à sala 55 o grupo já tinha chegado. Andavam atrás das cortinas pretas, a Júlia estava com um outro rapaz, que foi com eles, a ver o sistema de som. Estavam o Paulo, o Pedro e a Mafalda também. A música que se ouvia era Hip-hop e lá atrás a malta divertia-se a dançar enquanto colocavam os acessórios. Juntei-me a eles, coloquei a bata e a cabeleira e a Mafalda disse para tirarmos umas fotos todos juntos. Tivemos a pousar para as fotos. Depois a preocupação que se vivia atrás da cortina era a de que estava pouca gente. O Márcio e o João fartavam-se de espreitar e diziam sempre: “Não está quase ninguém!”. As raparigas pediram à Júlia se podiam dançar no fim da peça, todas, no palco e ela disse que sim. O Henrique manteve-se praticamente calado o tempo todo. (D9)

Passado um bocado a Júlia retomou a ideia da viagem e foi então que o Paulo chegou na carrinha. A ideia da viagem era irmos ao Porto de avião, aproveitando os voos da

**A dança, uma presença constante.**

	<p>ryanair. A Ana e o João disseram logo que não. A Ana disse que ia ter um ataque de pânico. A Júlia tentou explicar que é giro e que podiam ver a Horta da Areia lá de cima. O Paulo saiu da carrinha e deu uma breve explicação sobre o atraso, devido a uma reunião complicada onde estava e entrou no centro. Cá fora, a conversa sobre a possível viagem de avião mantinha-se. Eu disse que lhes dávamos uns calmantes para tomarem e não iam sentir nada. A Júlia acrescentou que lhes dávamos um copo de bagaço, eles adormeciam e quando acordavam já estavam dentro do avião e não havia nada a fazer. A Ana insistia em dizer que não queria viajar de avião. (D12)</p>	<p><b>Medo do desconhecido.</b></p>
<p><b>3.9. Envolvimento no teatro</b></p>	<p>Começámos por representar a peça sem utilizar sons e voz, para trabalhar a expressão corporal. Ao início eles perguntaram como é que iam representar sem falar, mas depois fizeram-no sem problemas. Todos eles me pareceram interessados, pela forma como representaram uma e outra e outra vez ajustando-se às indicações que a L. ia fazendo. Havia um que estava distraído e que disse mesmo que “hoje não me apetece”, com uma cara franzida, mas ainda assim foi participando. (D1)</p> <p>No fim a L. disse-lhes que está a tentar arranjar um sítio para apresentarmos a peça, uma vez que a apresentação mais próxima está agendada para Junho. Disse que ia tentar arranjar uma antes, para Maio. Eles saltaram de alegria. Depois falou-se de uma possível construção de cenários, da utilização de perucas e outros adereços para a caracterização das personagens... eles ouviram com atenção e entusiasmo, sem fazer barulho.</p> <p>Surpreendi-me quando cheguei à sala de ensaios, com as persianas corridas para baixo e vi os jovens já à volta da mesa e do computador da L. Iam assistir às filmagens que tinham sido feitas num dos ensaios da peça, antes de eu entrar. Estavam silenciosos. (D2)</p> <p>Entretanto comentou-se ainda que faltavam 3 elementos do grupo, mas decidimos começar a ver sem eles pois tinham avisado que se iam atrasar. (D2)</p> <p>Começámos a ensaiar e alguns estavam distraídos porque tinham em cima da mesa desenhos para pintar e estavam a fazê-lo. A L. teve que lhes chamar a atenção umas</p>	<p><b>Chegam quase sempre antes da Laure e eu para os ensaios. Demonstra interesse, talvez.</b></p> <p><b>Avisam. Mostra responsabilidade e interesse.</b></p> <p><b>Encarregam-se de</b></p>

	<p>quantas vezes. Os restantes elementos do grupo trataram de chamar a atenção aos que estavam distraídos, dizendo que queriam ensaiar. (D2)</p> <p>Cheguei à horta da areia faltavam dez minutos para as 16h e já os jovens estavam na sala, sentados no sofá entretidos uns com os outros á espera que a Júlia acabasse com o grupo dos Dreds da Horta. (D3)</p> <p>Quando a L. acabou com as crianças e estas saíram disse ao grupo que temos uma apresentação antes da que estava prevista em Julho e explicou-lhes que vai ser em Junho, na Universidade. Eles ficaram entusiasmados, saltaram de alegria e quiseram logo saber onde é a universidade. A Júlia explicou que é na Penha. O M. disse que vão gozar com eles, a L. disse “Não vão nada, eles não sabem fazer teatro e vocês sabem!”. Entretanto a L. acrescentou que eu já lhe tinha dado o vídeo da peça que fizemos que tínhamos falado na semana passada e que não tinha trazido o computador para ver, mas que víamos depois para eles perceberem o que é um fórum e como funciona. Perguntaram porque é que não podíamos ver logo e ela repetiu pacientemente a informação que tinha acabado de dar. O M. perguntou se podemos fazer essa peça, com o “Toninho” e a L. explicou que não tem muito a ver com eles e que por isso não vamos fazer para já. (D3)</p> <p>Quando cheguei já estavam todos. A Júlia estava a despedir-se do grupo anterior e os Minoria do Gueto estavam sentados no sofá à espera. Faltava uma das raparigas, mais dois dos rapazes. Os dois rapazes que faltavam, o Z. e o outro ainda não sei o nome, tinham ido a um encontro de capoeira em Portimão. (D4)</p> <p>Quando cheguei ao Centro Comunitário faltavam vinte minutos para começar o ensaio. Já lá estavam a Filipa e a Rita. ... Sentei-me no banco e passado um bocado cheguei a Ana. Cumprimentou-me e juntou-se às outras. Passado um bocadinho de estarmos à espera chegou o Henrique, que me disse: “Ainda faltam vinte minutos”. Entretanto chegou a Lídia que mandou as 3 para a rua dizendo que elas estavam a fazer barulho e a equipa estava a tentar trabalhar e que ainda faltava algum tempo para o teatro e elas estavam ali desde as 15h30. (D6)</p>	<b>responsabilizar o grupo.</b>
--	--	---------------------------------

	<p>Às 16h entrámos, para o ensaio. Já estávamos todos menos a Natália e a rapariga de cabelo preto que ainda não sei o nome, que chegaram passado pouco tempo. A Natália disse que estavam na praia e que só conseguiram chegar a tempo porque disseram que tinham ensaio de teatro e não queriam faltar. (D6)</p> <p>Depois falou-se das músicas, o Márcio disse que não gostava que nós estivéssemos a cantar quando eles faziam capoeira porque isso os desconcentrava e parecia que nós estávamos a morrer de tédio, por isso sugeri arranjar uma música fixe. A Júlia disse para as raparigas lhe darem o nome de algumas músicas para ela poder arranjar na internet e acabaram por trocar e-mails e de se procurarem no <i>facebook</i> para irem comunicando durante a ausência dela. (D6)</p> <p>No final da peça o João foi logo embora. O restante grupo juntou-se e estivemos a falar de amanhã, da apresentação da peça na universidade. Combinámos as horas, eu disse-lhes que ia ser fixe porque íamos ter uma sala, umas cortinas pretas e tudo. Eles pareciam curiosos, pelas perguntas, de quem é que ia lá estar, onde é que era a universidade... (D8)</p> <p>... entretanto começou-se a falar que já era muito tarde, tinha passado praticamente meia hora e já não havia tempo para ensaiar. O Márcio e o João perguntavam se podíamos ficar a ensaiar até às 18h. A Júlia disse que no máximo podíamos ficar até às 17h15 e ensiávamos só meia hora. Como o Henrique e a Filipa não apareceram, fomos mesmo sem eles. (D12)</p> <p>Vi o João com a irmã e a mãe, em frente à sua casa. Elas estavam sentadas em redor de uma mesa. Ele assim que me viu entrou dentro de casa. Estacionei o carro fora do bairro, para ficar à sombra e enquanto caminhava em direcção ao centro comunitário vi o João a sair de casa com uma mochila às costas. Segui o meu percurso até ao centro e passado pouco tempo o João foi lá ter comigo. Como o centro estava fechado, ficámos debaixo do alpendre. (D13)</p> <p>Eu comecei a pensar que seria melhor fazer alguma coisa para se entreterem entretanto, portanto comecei a perguntar se queriam brincar a alguma coisa enquanto esperávamos</p>	<p><b>Interesse</b> <b>Motivação</b> <b>Responsabilidade</b></p> <p><b>Motivação</b></p>
--	--	--

		<p>pela Júlia. Os dois mais novos disseram que podia ser. Perguntei-lhes se conheciam algum jogo que tivessem feito com a Júlia, para me ensinarem porque pensei que isso podia motivá-los mais. O mais pequeno de todos, explicou-me um exercício que tinha que ver com uma quinta e fogo, se não me engano. No fim de explicar disse-me que precisamos de 5 cadeiras e entretanto a Sónia entrou e em simultâneo o meu telemóvel começou a tocar. (D17)</p> <p>Esta semana tive novidades no facebook, referentes ao grupo. O João fez upload de algumas fotos do grupo de teatro que tirámos quando apresentámos a peça na ESEC e identificou o pessoal do grupo nas fotos. A Lendra e a Natália comentaram algumas, a Filipa também embora no perfil de facebook apareça com o nome de Mara, o que me fez não conseguir identificá-la logo. A foto mais comentada foi uma de grupo em que estamos todos juntos (D18).</p>	
<p><b>3.10. Situações marcantes fora do bairro</b></p>		<p>Fomos entrando [na sociedade recreativa em Olhão] e na ausência de alguém para nos receber ou orientar, fomos atravessando o corredor em direcção a uma porta aberta ao fundo, que dava acesso a um pátio exterior. As raparigas sentaram-se logo nas cadeiras que ali estavam, colocadas à volta de mesas de café. O Henrique e o João foram para uma espécie de pequeno lago artificial que ali estava, delimitado por pedras e que tinha peixes vermelhos grandes e água verde. Começaram a brincar. Arrageçaram as mangas e meteram as mãos dentro de água até quase ao cotovelo para tentarem apanhar os peixes. A Mafalda ainda lhes chamou a atenção uma ou duas vezes mas acabou por deixá-los estar. Aí ficaram uns minutos até que um homem foi ter com eles. Era um sujeito magro, alto, de cabelo escuro, na casa dos 50 e muitos anos. Começou a chatear-se com eles. Ouvi o Henrique a dizer que não fizeram nada, que estavam só a lavar as mãos e o homem disse-lhes “estavam a lavar as mãos nestas água toda porca? E mexeram nesta pedra que isto não estava assim...”. Enfim, nem a Júlia ou a Mafalda interviram, pois eles já tinham sido avisados. A Mafalda foi lá ter depois e disse-lhes que era bem-feita que tivessem apanhado um sermão. (D13)</p> <p>Ao chegar ao jardim a primeira coisa que vimos foi uma estrutura de “Air bug” montada. Os miúdos ficaram logo muito interessados, sobretudo o Henrique que foi o que mostrou logo vontade de andar, então a Júlia e a Mafalda disseram que não sabiam</p>	

se eles podiam andar ou se estava a funcionar, porque na altura aquilo parecia estar parado. Disseram para ele perguntar se podia andar, mas ele estava com vergonha pelo que a Júlia e Mafalda acabaram por perguntar a uma senhora que entretanto se aproximou. Esta disse que o Air Bug abria a partir das oito horas e que era para crianças dos 6 aos 16 anos, se bem me lembro. A melhor notícia foi que era gratuito, portanto como ainda não estava na hora de abrir, concordámos ir dar uma volta pelo festival, comer o gelado e depois voltar.

Íamos a caminhar junto à parede que veda o acesso à Ria e o Henrique e o João saltaram o muro para o outro lado, justamente onde era suposto não estarem porque podiam escorregar e ir parar dentro de água. A Mafalda chateou-se com eles e eles diziam que não fazia mal, o João insistia que não era perigoso, mas ela insistiu e acabaram por pular o muro de volta para o nosso lado.

No festival a primeira coisa que vimos foram as bancas de artesanato. As raparigas ficaram interessadas em ver os chinelos marroquinos, então aproximaram-se duma banca que estava a vender marroquinarias. A Rita perguntou o preço dos chinelos, 7 Euros disse o vendedor. A seguir interessaram-se pelas essências, porque o homem disse que também vendia perfumes. Saiu de trás da banca, pegou num dos fracos que estavam expostos à frente e deu a cada uma delas a cheirar e puderam experimentar também. Cada uma colocou um pouco de perfume no braço. Apesar de cheirar bem era muito intenso e ficou um cheiro a perfume no ar. Elas todas gostaram e andaram a mostrar o cheiro a mim à Júlia e Mafalda. Depois fomos andando e observando tudo calmamente, mas mais nenhuma banca lhes suscitou tanto interesse como a primeira das marroquinarias. O que reparei que durante o tempo que estávamos lá suscitou interesse às raparigas, foram os rapazes que por lá andavam. Sempre que passavam por um grupo de rapazes ou um grupo passava por elas, elas ficavam a olhar, comentavam qualquer coisa entre elas e davam risadinhas. Um outro aspecto que me chamou a atenção foi a tranquilidade do Henrique porque quase não se deu pela presença dele o tempo todo. (D13)

Pela filmagem da peça consegue ver-se que atrás da Júlia está a cortina preta e alá atrás, junto à cortina, só se vê os pés dos atores. Isto é porque lá atrás eles não paravam quietos. Eram os saltos das raparigas que faziam barulho no soalho de madeira enquanto elas andavam entusiasmadas de um lado para o outro, era o Márcio com a sua

**O interesse das raparigas mais velhas pelos rapazes de fora do bairro.**

cabeleira laranja deitado no chão para espreitar por debaixo da cortina, era a Natália que continuava preocupada com a sua cabeleira azul e tirava e punha ignorando que eu lhe dissesse que estava bem... enfim, a Júlia teve mesmo que pedir “silêncio aos actores, obrigado”. Eu, como não queria fazer barulho, não estava a conseguir calá-los lá atrás porque o entusiasmo era demasiado. (D9)

E em seguida disse: “Então vamos começar. Tenho o prazer de apresentar a peça ‘A minha camisola vale mais que a tua casa’ e o grupo ‘Minoria do Gueto’. Palmas!” Ouviram-se palmas, alguma bagunça de vozes lá atrás, os sapatos a circular por debaixo da cortina e a Júlia fez: “Shiuuu” antes de colocar com o Valentim a música a tocar. Ao som da kizomba entraram a Natália e o João que ocuparam os lugares nas suas secretárias. Logo em seguida as três meninas, Ana, Filipa e Cristina, a dançar sob o olhar reprovador da personagem da Rita e do Márcio. Ficámos lá atrás eu e o Henrique. Ele estava sentado em cima de um cubo e depois levantou-se para se aproximar da cortina, porque estava quase a entrar e olhou para mim e em jeito de desabafo disse-me: “Estou nervoso”. Eu sorri-lhe e disse “Não estejas” e foi a vez de entrarmos. (D9)

Ao chegar ao bairro da Atalaia, estacionámos à porta da fundação António Aleixo. O ensaio ia ser num espaço informática, numa das salas de formação. Entrámos e a senhora que estava responsável pelo espaço perguntou-nos, antes de nos deixar entrar, quantas raparigas tínhamos connosco. A Júlia disse-lhe e só então podemos entrar. Não percebi, mais uma vez, o porquê da pergunta. Ao entrar foi-nos exigido o máximo silêncio. (D12)

Reparei que durante o ensaio, que correu como sempre, as duas *outsiders* e a Cristina estavam o tempo todo a olhar lá para fora, ainda que as persianas estivessem meio corridas e não desse para ver o exterior na perfeição. De vez em quando, se não estavam a contracenar, lá segredavam qualquer coisa com risadinhas entre elas. Lá fora, pelo que consegui ver, no outro lado da rua encostados ao seguinte bloco de apartamentos, estava um grupo de rapazes. (D12)

Enquanto o Márcio brincava, as três maiorzinhas, a Cristina e as 2 *outsideres*, procuraram um sítio estratégico para se sentarem. E eu digo estratégico porque desde o

**“Estou nervoso” Oportunidade para superar o nervosismo, auto-superação**

**Rapazes outra vez. pk este interesse pelo género oposto?**

**Será por lhes ser vedado o contacto com rapazes o que desperta nelas mais curiosidade?**

momento em que saímos do edifício que os olhos delas estavam naquele grupo de rapazes que socializava junto ao bloco ao lado de onde estávamos. Era o mesmo grupo que observavam da sala onde fizemos o ensaio. Primeiro observaram-nos a partir da estrada, mas depois sentaram-se ainda a comentar qualquer coisa ao mesmo tempo que olhavam. Passado um bocadinho levantaram-se e disseram à Júlia que “Iam só ali”. A Júlia esperou um bocadinho e acabou por ir ter com elas mas eu não vi onde foram porque entretanto distraí-me com a Rita e a Natália. (D12)

Fomos de carro para o jardim dos Pescadores, onde estava a decorrer o resto do festival. Logo quando chegámos, estacionámos num parque de terra perto da PSP. Eles saíram da carrinha e eu e a Júlia do carro e dirigimo-nos a pé para a passadeira para atravessar a estrada quando um senhor cujo carro estava parado no parque perto dos nossos e que mexia no porta-bagagens do mesmo, atirou qualquer coisa na direcção da Rita. Ela assustou-se, porque não estava à espera e era um pacote de batatas-fritas pequeno que acabou por cair no chão e depois um dos rapazes apanhou. Então o senhor continuou a atirar mais 2 ou três pacotes de batatas-fritas e 1 Bolicão que foram parar às mãos de alguém. Agradeceu-se, a Mafalda disse-lhes para antes de comerem verificarem se estava dentro da validade e de facto estava, portanto eles foram partilhando as coisas que tinham ganho connosco e entre eles sem termos percebido muito bem porque é que aquilo se tinha passado. (D13)

Parámos logo a seguir ao pé do “Carrossel Pimpé – a experiência queremos pôr-nos de pé!” ... Ficámos algum tempo a observar duas pessoas que estavam a experimentar e eu tirei a minha máquina fotográfica da mala para fotografar. Então uma das raparigas pediu-me para lhe tirar uma foto e foi aí que começou a nossa sessão fotográfica em pleno jardim. Começámos com as fotos de grupo às raparigas, à Cristina e à Carla. Depois a Filipa juntou-se a elas. Depois as raparigas todas, mais a Mafalda. Depois eu sugeri que fôssemos para perto da Ria, para tirar mais fotos. Elas concordaram e aí tirámos bonitas fotos a pares e individuais com a Ria Formosa e os barcos como pano de fundo. Acho que elas se estavam a divertir porque não queriam parar e estavam sempre a fazer novas poses fotográficas. Quase que pareciam modelos fotográficas, super à vontade frente à câmara e a cada foto que tirava, elas queriam ver como tinha ficado. No fim a Filipa perguntou se eu podia revelar as fotos para lhes dar. Eu disse

que revelar não, mas que depois deixava no computador do centro comunitário e ela podia fazer o que quisesse com elas.

Depois a Mafalda e Júlia chamaram-nos, para irmos comer o gelado. Juntámo-nos e tirei uma foto de grupo, com as raparigas do teatro mais a Mafalda e a Júlia. Disse ao João para se juntar às meninas, já que estava ali a olhar para nós, mas ele não quis. Disse para ir eu que ele tirava mais uma foto. Tirámos então a foto e fomos para a geladaria onde cada um escolheu um gelado com uma bola. A Mafalda pagou, com dinheiro do projecto. À medida que íamos sendo despachados, fomos saindo da geladaria. Eu, a Júlia e Mafalda fomos as últimas a sair encontrámos o pessoal sentado num banco de madeira frente à geladaria, entretidos a comer o seu gelado. O Henrique estava sentado com as raparigas e o João andava ali por perto.

Ainda tirámos umas fotografias enquanto ali estivemos e depois fomos embora. Para trás fiquei eu e a Natália porque ela ainda queria que eu lhe tirasse mais fotos a comer o gelado e ficaram também o Henrique, João e Ana que tinham acabado de descobrir um monóculo para observar a Ilha da Culatra ao longe e estavam interessados a tentar ver alguma coisa. Acho que não conseguiram ver nada porque tinham que colocar uma moeda de 50cêntimos. Entretanto a Natália juntou-se a eles e tive que os chamar umas quantas vezes porque o resto do grupo já tinha avançado. A Mafalda e a Júlia como viram que eles estavam entretidos e que aquilo era coisa para demorar foram andando para os apressar a juntarem-se ao grupo.

Entretanto não sei como, quando chegámos ao pé do restante grupo a Mafalda entregou a cada um de nós uma senha para uma bebida grátis, na banca da Moju. Dos Minoria todos escolheram refrigerantes para beber, coca-cola especialmente.

Quando estávamos a passar pelo mercado pela segunda vez, estava um grupo de rapazes e aí as raparigas quando eles passaram ficaram a olhar e a segredar coisas entre elas com risadinhas. A Mafalda comentou isso comigo, que elas ficam sempre a olhar para os rapazes e que é normal, porque estão sempre condicionadas no bairro e que estas saídas são oportunidades de experimentarem coisas diferentes e de estarem à vontade noutro ambiente.

Chegámos então ao Air bug, onde estava uma fila de crianças que aguardavam a sua vez de andar. O Henrique colocou-se imediatamente na fila, depois juntaram-se a ele a Natália, Ana e Rita. Como a Rita estava de vestido, atou-o em baixo para fazer de calções, caso contrário ia-se ver tudo cá de baixo. Primeiro entrou o Henrique e só na

**Comportam-se assim porque não estão condicionadas? Porque estão longe do peso da cultura e tradições?**

ronda seguinte é que puderam ir as meninas. A Ana atinou com aquilo de tal forma que conseguiu logo fazer mortais para trás e para a frente. A Rita às tantas atrapalhou-se com o vestido e ia-o perdendo. Como este era cai-cai foi descendo até ela ficar com um peito de fora. Quando viu puxou logo o vestido para cima e desatou a rir. A Natália desceu numa dada altura e esteve a falar com o monitor do Air Bug. Penso que havia qualquer coisa a magoá-la, porque depois eles mexeram nas correias e ela voltou a subir.

O João não foi, mas a partir do chão ia dando indicações sobretudo à Ana, para dar um mortal assim e assado. Havia uma rapariga a fazer com elas que já dominava os mortais, então o João incitava a Ana a fazer o que ela fazia. A Júlia disse ao João que era fácil estar ali a dizer, mas porque é que ele não ia lá fazer também.

Quando acabou a ronda das meninas fomos andando de volta para o carro. Fiquei um pouco para trás com a Rita porque as sandálias dela eram mais difíceis de calçar porque tinham correia, então fiquei a segurá-la para ela não se desequilibrar enquanto atava a sandália. Mas ela não conseguia então tive que ser eu a atar uma. A outra ela já conseguiu. No caminho a Filipa ainda me voltou a falar da questão das fotografias. Perguntou se eu podia colocar as fotos dela no seu facebook. Eu disse que não, que não sabia a palavra passe e que além disso parecia-me melhor que fosse ela a escolher as fotos e a colocar lá se quisesse. Voltou a perguntar-me se eu queria revelar as fotos e a Mafalda disse que ia fazer o mesmo que eu, levar para o Centro as fotos e deixar no computador. (D13)

No caminho a Mafalda vinha a comentar comigo que assim é fácil sair com miúdos, porque eles são muito obedientes e respeitadores e acabam por não dar trabalho nenhum e que para ela é um prazer sair com eles.

A Mafalda e os miúdos iam na carrinha à frente, de volta para o bairro e eu e a Júlia íamos atrás no meu carro. Então tivemos oportunidade de observar as maluquices que se passavam dentro daquela carrinha. Já quase a chegar ao bairro, na circular, faziam uma gritaria cada vez que passavam por alguém a pé ou de bicicleta a pedal. Punham os braços de fora a esbracejar e gritavam “Minorias do Gueto!”. As pessoas ficavam a olhar, outras riam-se.

Quando chegámos ao bairro a Mafalda vinha-se a rir dentro da carrinha, estavam todos a rir imenso. Quando chegámos ao bairro a Mafalda vinha-se a rir dentro da carrinha,

**Novas experiências que resultam da actividade do T.O.**

**Novamente a revelação das fotografias. Parece importante ficar com as fotos, poder revê-las.**

**Divertimento e espontaneidade.**

estavam todos a rir imenso. A Mãe do João, apareceu logo a perguntar se o João se tinha portado mal e a Mafalda disse que não, que todos eles se portaram muito bem. (D13)

A Júlia e a Mafalda convidaram-me para ir à Culatra com elas e com os miúdos da Ala 10 e Horta da Areia ... Enquanto caminhava ... em direcção à praia, liguei à Mafalda que me disse que já tinham chegado mas que tinham parado no café e que os miúdos já estavam a fazer asneiras. Ficámos de nos encontrar na praia. Passaram uns 15 ou 20 minutos até que chegaram. À frente vinham os jovens da Ala 10. Vi duas raparigas destacadas do grupo e fiz-lhes sinal para que viessem ter connosco. Elas fizeram-me adeus apesar de não me conhecerem. Acho que me devem ter confundido com alguém porque quando estavam mais perto de nós ouvi-as dizer “Não é nada, devem ser as amigas delas.”. Mais atrás um pouco vinham os rapazes da Ala 10 com a Mafalda e a Júlia. O Márcio acompanhava com eles. Ainda atrás deles, depois, chegaram a Filipa e a Cristina. (D15)

A Mafalda quando chegou ao pé de nós disse logo que eles já tinham feito asneiras e começou a enumerar o quê: começou logo no barco com o Márcio, que parece que estava a brincar com alguém e o chinelo acabou por ser atirado borda fora do barco. E ainda por cima queria atirar-se do barco para recuperar o chinelo. Depois foi ao chegarem à ilha, quando os rapazes da Ala 10 se enfiaram no café e queriam começar a comer hambúrgueres e gelados logo às 9 da manhã. A Mafalda comentou connosco que é um sinónimo da educação alimentar que têm em casa, pois já os tem visto a comer porcarias de manhã junto dos pais e eles acham normal. (D15)

A Filipa e a Cristina colocaram a sombrinha e as toalhas à parte, longe dos restantes que se tinham instalado junto de nós. A Júlia lá insistiu com elas para que trouxessem as coisas, que não tinha jeito nenhum ficarem à parte, mas elas insistiam que queriam ficar mais longe. Foi quando a Júlia lhes disse para colocarem a toalha ao lado da minha que elas cederam e lá trouxeram as coisas e colocaram ao lado das minhas. Em seguida foram as duas para trás das dunas vestir os biquínis. Entretanto perguntei à Júlia o que era feito do resto do pessoal da Horta da Areia, ao que me respondeu que

**Porque é que ela pressupôs que ele se tinha portado mal?**

**Por vergonha, talvez também por não confiarem nos da Ala10.**

não apareceram e que o mais provável era terem-se deixado dormir.

Quando a Filipa e a Cristina voltaram tinham os biquínis vestidos, mas a Filipa tinha uns calções de ganga e a Cristina tinha uma saia de praia curta. Chamaram-me e virando-se de costas para toda a gente perguntaram-me se se via muito os peitos. Eu disse que não, que se via tanto quanto os meus, que era normal já que estavam na praia e que não havia problema nenhum. Mas elas estavam envergonhadas e preocupadas com os rapazes da Ala 10, que iam olhar, diziam-me elas. Eu olhei para eles que estavam ali ao lado a confaterizar entre eles e não os vi a olhar para elas. Aliás, durante as cerca de 4 horas que lá estivemos em momento algum os vi a olhar para elas, ou dirigirem-se a elas fosse para serem simpáticos ou para gozar. Era quase como se elas não estivessem ali.

Perguntei-lhes se elas não iam tirar a parte de baixo ao que me disseram que não. Mais uma vez pareceu-me que estavam com vergonha. Eu disse que os rapazes não estavam a olhar mas tudo bem, que fossem então para dentro de água com os calções e a saia, mas que se entretanto se sentissem mais à vontade, podiam tirar. Isso não chegou a acontecer.

Entretanto foram acontecendo as coisas do costume, a Mafalda e a Júlia tiveram que estar de vigia para não se afastarem muito para o fundo, dentro do mar, ou para não se afastarem na areia. Pareceu-me que as preocupações eram sobretudo com os da Ala 10, por serem mais, talvez. Os 3 da horta da areia mantiveram-se por perto, normalmente dentro de água ou debaixo da sombrinha, mas não aconteceu que tivessem que ser repreendidos. (D15)

Entretanto o Márcio pediu à Júlia para ir comprar um gelado. A Júlia deixou-o ir, acrescentando que confia nele, ele porta-se bem e não deve haver problema. Enquanto o Márcio foi a correr, as meninas trocaram de roupa. Tiraram a roupa de praia e vestiram o vestido, a Cristina, e a blusa, a Filipa. Depois puseram música no telemóvel. Música cigana. E envergonhadamente começaram a dançar, muito juntinhas e a rir-se uma para a outra. Digo envergonhadamente porque dançavam um bocadinho, com gestos tímidos e pouco exuberantes e depois riam-se e paravam, ou comentavam qualquer coisa. E evitavam olhar para nós. ... Quando a Mafalda chegou com os miúdos, perto da hora combinada, vinham com cara de desapontados, ou então de cansados por causa do calor. Traziam meio garrafão com berbigões e pouco mais. A

**A relação com o corpo. Pudor. Uma questão étnica? Não mostraram preocupação em relação ao Márcio, só com os rapazes da ALA10.**

**Demonstração de confiança.**

**Sempre a música e a dança.**

		<p>pescaria tinha corrido mal, portanto. Queixaram-se que não havia quase berbigões. ... Começaram então a arrumar as coisas. ... Reparei que a Filipa e a Cristina pareciam estar desejosas de se ir embora. Enquanto que foram as últimas a chegar, foram as primeiras a ir embora. (D15)</p>	<p><b>Desconforto na praia? Durante todo o tempo só se relacionaram com quem não é da Ala10. Pressa de ir embora.</b></p>
4. Teatro	<p><b>4.1. Peças apresentadas (temas)</b></p>	<p>O João, no público, faz o resumo do que se passou na peça, explicando que há “um professor que é um sacana que não gosta dos tais alunos que não são betinhos...” “da urbanização das rolotes, sim”, acrescenta a Júlia. “E uma directora que é má e que apesar de não gostar do professor também acaba por cooperar e a senhora auxiliar de educação entra no mesmo estilo não é? Continua a ajudar o professor a expulsar os alunos.”. “haha, ok. Portanto ‘tamos de acordo com a história, perceberam quem é quem, quem faz o quê etecetra.” (D9)</p>	
	<p><b>4.2. Peças apresentadas (personagens)</b></p>	<p>Encontrei 7 jovens na sala a representar a peça, com idades entre os catorze e quinze anos parece-me. A sala estava como uma sala de aulas e cinco deles faziam o papel de alunos sentados à secretária, um de professor e a L. estava a fazer o papel de auxiliar educativa que a S. me disse que seria depois o meu papel. Numa outra mesa ao lado da suposta sala de aula estava uma outra rapariga, que percebi depois ser a “directora da escola” (D1).</p> <p>Esqueci-me de dizer que haviam um elemento novo no grupo, uma rapariga, que inicialmente pensei que ia só assistir ao ensaio, mas antes de começarmos a contracenar a L. perguntou aos miúdos qual poderia ser o papel dela. Chegou-se à conclusão que seria uma aluna neutra, amiga do grupo dos meninos ricos e do dos meninos pobres. Decidido isto todos foram para os seus lugares, sentados nas mesas e a L. lembrou-lhes que a peça começa com eles a entrar na sala de aula, portanto todos se levantaram das cadeiras para ir para o corredor. (D2)</p> <p>Ensaíamos uma vez. Depois ficámos a falar sobre a peça e a música que vamos utilizar. Ao início pensámos como poderíamos colocar as miúdas a dançar música cigana, mais as raparigas ricas a dançar as suas músicas, como se fosse uma <i>battle</i>. Eu sugeri que se colocasse ao início, antes de entrarem para a “aula”. A L. achou boa ideia. Começámos então a escolher nos cd’s que eles tinham algumas músicas ciganas que poderiam dançar. Andávamos á procura de uma música que fosse cigana, mas recente, para</p>	

	<p>mostrar um género diferente daquele que é usual ouvir. Pensámos também numa música para a Directora e para a Márciozinha. (D4)</p> <p>Para além das miúdas a dançar no recreio antes de entrarem na sala, acrescentámos a cena da capoeira no intervalo, enquanto forma de confronto entre o André Saga e o menino rico.(D5)</p> <p>E em seguida disse: “Então vamos começar. Tenho o prazer de apresentar a peça ‘A minha camisola vale mais que a tua casa’ e o grupo ‘Minoria do Gueto’. Palmas!” Ouviram-se palmas, alguma bagunça de vozes lá atrás, os sapatos a circular por debaixo da cortina e a Júlia fez: “Shiuuu” antes de colocar com o Valentim a música a tocar. Ao som da kizomba entraram a Natália e o João que ocuparam os lugares nas suas secretárias. Logo em seguida as três meninas, Ana, Filipa e Cristina, a dançar sob o olhar reprovador da personagem da Rita e do Márcio. (D9)</p>	
<p><b>4.3. Peças apresentadas (soluções encontradas)</b></p>	<p>O João, no público, faz o resumo do que se passou na peça</p> <p>E em seguida pergunta ao público como é que acham que podia-se mudar aquela história. “Porque afinal de contas ‘tão sempre expulsos nunca têm aulas não é?” O público mantém o silêncio. “Ou não mudamos e ficamos aqui e bye bye!”. O João voltou a intervir, disse que punha o professor a viver na urbanização das rolotes. O Márcio levantou o braço e estava a sorrir. A Júlia disse que é uma hipótese, mas que normalmente tentam ser realistas e essa não seria uma opção realista mas que é uma hipótese válida e que é o que se tenta sempre fazer, levar pessoas ao bairro, grupos para visitar, portanto podia-se fazer isso, o conhecimento do outro é importante. Mas voltou a frisar, naquela situação específica da escola, com as personagens que estão a discriminar, como fariam para se confrontar com aquelas personagens, estando na pele dos oprimidos?</p> <p>Uma outra pessoa do público sugere, após um período de silêncio, que em vez de escrever a carta à Directora, fosse lá pessoalmente falar com ela e contar-lhe o que se passa na sala de aula. A Júlia disse que é uma opção válida, ultrapassar o medo e enfrentar a directora e a Aurora foi convidada a ir ao palco experimentar. Então ela foi falar com a Directora e contou-lhe o que se passa, argumentando que não é por morar num bairro que são menos do que os outros e que têm direito a aprender sem ser discriminados pelo professor. Como a Directora ainda estava na dúvida sugeriu que</p>	<p><b>Da apresentação da peça saem soluções concretas que são ensaiadas e debatidas.</b></p>

esta fosse assistir a uma aula deles ou que colocasse câmaras na sala.

Quando a Aurora quis acabar a Júlia perguntou se mudou alguma coisa ou não e da parte dos actores ouviu-se um “Mudou”. “Mudou e o que é que mudou?”. “A reacção da directora.”, disse alguém que pela voz me parece ser a Rita. O João com a sua cabeleira acrescentou: “E mudou a reacção da Mariana que em vez de entregar a carta foi falar com a directora”. Do público alguém intervém debruçando-se numa reflexão sobre o papel da directora naquela história: “seria considerada um opressor mesmo ou a directora seria um mediador que, como ainda não viu o que aconteceu poderia ou não estar dum lado ou noutro não é? Quer dizer, será que houve aí com a directora uma opressão específica ou é com o professor que eles têm que se confrontar?”, ao que a Júlia perguntou: “Como é que vê a directora aqui nesta cena?” “Ela aceitou o pedido da aluna”, diz alguém do público, sendo que neste caso ela está no lado da aluna. Na cena anterior ela estava do lado do professor, falou-se, porque viu a confusão que estava a sala de aula e então acreditou no professor. Para clarificar as mudanças que a representação da Aurora trouxe, foi que “acrescentou uma nova fonte de informação. Não sabemos se a directora vai tomar isto em consideração ou não, mas é uma fonte de informação, não é a única do professor. Ok?”. Em seguida discutiu-se a estratégia que ela utilizou para comunicar com a directora. Os espetadores observaram que ela foi simpática, que não teve medo e que calmamente explicou as razões dela. A Júlia acrescentou que ela disse ainda que se precisar de alguma coisa a directora pode contactá-la. “Ela se põe um pouco ao serviço do problema.”

Uma outra solução apontada foi o de os alunos não responderem ou falarem perante a provocação dos outros e do professor, para o professor ficar sem argumentos para os mandar para a rua. O João foi convidado a vir ensaiar no palco a solução que tinha sido apontada. Iniciou-se na parte em que o menino André Saga chega atrasado à sala de aula, com uma bola na mão e escoltado pela auxiliar educativa. Normalmente ele teria atirado a bola contra a Rita, mas não o fez. Sentou-se no seu lugar, pediu desculpa pelo atraso, justificou o porquê de ter chegado atrasado e lançou calmamente a bola ao professor quando este ordenou: “Dá cá a bola.”. Depois disse: “Desculpe ter atirado, foi sem querer.”. O professor Isidoro perguntou o que se tinha passado no intervalo que ouviu dizer que alguém tinha andado à luta. A Carina Lagarto disse que tinham sido “elas”, referindo-se às 3 meninas que estão sempre a ser gozadas. Estas não disseram nada. “Não dizes nada?”, perguntou o professor à Ana. A Carina Lagarto

disse que ela estava a roer as unhas porque tinha fome, não devia ter mais nada para comer. Então as atenções do professor viraram-se para o aluno que chegou atrasado e perguntou-lhe: “E tu ‘tás aí tão caladinho, o que é que ‘tás a fazer?’”. “Estou a prestar atenção senhor professor”, respondeu educadamente. “Já passaste o que ‘tá no quadro?” “Não, por acaso não.”. “Então vai para a rua”, disse o professor Isidoro. Este começou a implorar e a pedir desculpa, acrescentando “Não faça isso professor.” O professor acabou por chamar a auxiliar, Dona Zezinha, com quem o aluno tentou dialogar também. Esta sugeriu que ele fosse buscar um caderno ao centro comunitário, então os alunos saíram para ir buscar o caderno. A Júlia chamou-os, pois foram para trás das cortinas e disse que ele já tinha conseguido ficar mais tempo do que normal. Quanto à estratégia, foi simpático, questionou o porquê de certas coisas. A Júlia perguntou ao público se essa será uma boa estratégia, tentar cair nas boas graças do professor e se funcionou ou não. A Rita por detrás dos seus óculos graduados de Carina Lagarto, respondeu que não. “Não, o prof continua na mesma, não gosta dele”, acrescentou a curinga. Alguém do público acha importante a última parte em que a auxiliar disse ao aluno para ir buscar o caderno ao centro comunitário, porque assim na próxima aula já tem o material.

A Júlia pergunta: “Como é que se faz para lutar contra alguém que discrimina, que tem um preconceito. Porque ele tem preconceitos sobre esses quatro meninos. ... como é que se faz, sem bater?” “Tentá-lo fazer perceber que ‘tá errado.” “Confrontá-lo. Dizer de uma maneira calma, clara”, disseram na plateia. “Então vem tentar” e uma outra pessoa foi chamada a subir ao palco. Escolheu entrar no papel do Henrique. Começa por justificar o porquê de ter chegado atrasada, sendo que a Carina Lagarto disse logo: “És sempre a mesma”. O professor começa a perguntar se trouxe mochila, ao que ela responde que só uma folha porque não tem caderno, mas depois não tinha folha nenhuma. “Então peça uma folha aos seus colegas”, disse, complacente. Ela pediu, mas a Carina Lagarto e o irmão, que tinham um caderno, disseram: “Nós não precisamos destas folhas” e o Márcio levantou-se dizendo que ia deitá-las para o lixo. Atirou-as para o chão e a espetatriz foi apanhar. “Está aqui professor.”. “Então e onde está a caneta?”, perguntou. “Foi buscar ao lixo. Vê-se logo donde vem”, comentou a Carina Lagarto. A aluna tenta argumentar com o professor, dizendo que não tem culpa de ser pobre e não ter o material. “...mas sou humilde, eu não tenho o caderno porque não tenho dinheiro, não tenho caneta porque não tenho dinheiro, não é porque eu não

queira estudar, nem queira estar na aula. Agora o professor tem que me dar oportunidade de eu aprender e por isso pode-me emprestar uma caneta ou alguém.”, diz calmamente. O prof diz que só tem uma caneta. “peça a alguém se não vai para a rua, já lhe disse.” E ela continua a falar com ele, pedindo desculpa por estar a confrontá-lo. A conversa continua e o prof acaba por perguntar se alguém tem uma caneta que lhe empreste. Como todos começam a falar ao mesmo tempo, a Júlia interrompe, pede silêncio e diz: “Última tentativa, ela vai tentar pedir uma caneta. Acção.” Quando ela volta a perguntar se alguém tem uma caneta o Márcio responde: “Temos mas não damos”. Como ela não consegue arranjar o prof acaba por mandar os quatro para a rua. Chama a dona Márciozinha. Ela tenta falar com a auxiliar, perguntar se ela tem uma caneta, ao que esta responde que não. E acaba por ir para a rua.

A Júlia pergunta o que é que mudou. O facto de ela ter conseguido ficar mais tempo, ir buscar as coisas ao caixote do lixo, pedir aos colegas, tentar convencer o professor de que estava interessada em estar na aula. Explicou a situação. “... e no fim ela disse ‘eu vou embora por Vossa causa’, também responsabilizou o resto da turma pelo facto de que ela ia-se embora. ... o problema começa a alargar-se um pouquinho mais.”, resumiu a Júlia. “Ganhou tempo. Isto é importante.”

O que mais se pode fazer... “tentar encontrar mais aliados”, diz-se na plateia. “Que tipo de aliados?”. “Adultos”. “A auxiliar”. “Outros professores, por exemplo a professora de matemática que até vem ver o teatro dos alunos”, disse alguém referindo-se a uma professora dos miúdos que foi ver a peça e estava na plateia. “Outros aliados porque todos os professores não são assim. De acordo? Há professores diferentes?”. Depois a curinga pergunta a nível legal, o que é que se pode fazer. Chamar a directora quando se contacta que não têm material é outra solução. “O que é que significa chamar a directora dentro da sala de aula quando há um problema?”. “Ela é superior.” “Ela é superior exactamente. O passar por cima do professor e acima de tudo testemunhar, não é? É ter testemunhos. Eu acho que é muito importante, além dos aliados que eu acho extremamente importante, tentar alargar o problema. ... é um problema de mais gente.”

A próxima solução apontada era tentar convencer os colegas a fazer queixa do professor, então uma nova espetatriz foi ao palco ensaiar a sua solução. Depois de algumas tentativas falhadas de comunicar com o professor, a auxiliar acabou por ser chamada para os levar para a rua mas surgiu outra opção, que foi irem falar com a

	<p>directora. (D9)</p> <p>O mais interessante das soluções apresentadas é que, por virem de jovens que já passaram por situações semelhantes, as soluções ensaiadas foram mais concretas e menos abstractas que as apontadas pelos adultos que assistiram à peça na ESEC. Houve uma rapariga que disse: “Eu quero falar com ela”, dirigindo-se à Rita. Antes que a Júlia lhe dissesse para vir para o palco já ela estava de pé a caminho, disposta a confrontar a personagem da Rita. Foi o que fez. Perguntou-lhe porque é que ela era assim má para ela, que mal é que lhe tinha feito e por aí adiante. Houve ainda um rapaz que tentou falar com o professor durante a aula e chamá-lo à razão, tentando respeitosamente que este não o expulsasse da aula. Quis ainda falar com a Directora para que esta pedisse algum tipo de apoio escolar a nível de material e também para se queixar sobre o comportamento do professor. E um outro rapaz quis substituir o professor e fazer ele de professor e o João de aluno. Normalmente não se substitui os opressores mas a Júlia deixou sendo que no fim quando fazia o resumo das soluções apontadas, referiu que substituir o opressor não é uma solução. (D13)</p>	<p><b>Diferentes públicos, diferentes soluções. 1 público jovem apresenta soluções que podem mais facilmente adotadas pelos jovens dos minoria do ghetto. Será que eles terão noção disto? Será que poderão usar isto no futuro para solucionar problemas?</b></p>
<p><b>4.4. Peças apresentadas (contratempos)</b></p>	<p>Dirigimo-nos para lá todos, para preparar o cenário. Como o espaço em cima do estrado era pequeno, decidimos que o Professor e a Directora, por uma questão simbólica de superioridade, deveriam ficar em cima do palco, ao passo que os alunos ficariam em baixo, no chão, frente à plateia. Também decidimos que os dois teriam uma secretária ao passo que os alunos estariam apenas sentados em cadeiras. A Rita, a opressora, era a única aluna com secretária e deveria ficar sentada à frente dos restantes alunos. Pegámos também nos elementos decorativos que estavam espalhados pelo pátio e usámos para adornar o nosso cenário. O pessoal achou muita graça a uma estátua sem cabeça que estava na rua, pelo que usaram-na e começaram a tirar fotos colocando-se atrás da estátua e usando as cabeleiras também para fazer experiências. A estátua serviu-lhe de mote para imensas fotografias e passaram um bocado ali a divertir-se. A Júlia varreu o chão que estava cheio de folhas e começámos a colocar as cadeiras em ordem, para os espetadores se sentarem. Aos poucos fomos colocando os adereços também, de cada personagem.</p> <p>Quando a Rita chegou apercebemo-nos de que havia um problema com o sistema de som, que não tinha colunas. Enquanto a Rita foi tentar arranjar colunas a</p>	<p><b>Criatividade.</b></p>

	<p>assistência começou a chegar. Os do grupo de teatro da Moju juntaram-se para participar também na peça. Chegou um grupo de jovens da Amadora que se revelaram, durante o fórum, bastante participativos e contámos também com a presença de um grupo de raparigas da Casa de Protecção à Rapariga, de Faro. Foi o suficiente para encher o espaço de jovens.</p> <p>A Júlia começou a fazer o aquecimento com eles, fez uns três exercícios para empatar enquanto a Rita não chegava. Quando esta chegou, trazia não as colunas mas um rádio que tinha ligação MP3, mas depois chegámos à conclusão que não conseguimos seleccionar as músicas que queríamos utilizando o sistema MP3 portanto acabámos por fazer a peça sem música o que tirou um pouco o impacto. (D13)</p>	
<p><b>4.5. Desempenho do grupo</b></p>	<p>Todos trocaram de papéis e eu mantive-me quieta até que alguém disse (já não me lembro quem) “A Vânia também tem que trocar!” e a L. disse que sim e tratou de me arranjar um papel. Para mim trocar foi complicado porque entrei recentemente na peça e mal consegui decorar o meu papel, ou as minhas falas-chave, quanto mais as deles. Nesse aspecto eles pareceram-me bem mais à vontade. A Z. por exemplo, acrescentou sempre algo de interessante às personagens que interpretou e fá-lo bem, parece-me bastante expressiva e imaginativa. O M. no último ensaio distraiu-se tanto com a vassoura da “Márciozinha” que a L. teve que lha arrancar das mãos, mas antes de estar distraído foi dando dicas aos colegas que interpretavam o papel de professor, que normalmente lhe pertence “Agora tens que dizer isto ou fazer aquilo...”. O Z. fez uns dois ensaios antes de acabar a dormir/descansar no tapete. Começo a pensar que ele é preguiçoso, ou depois de ensaiarmos uma ou duas vezes, desinteressa-se facilmente. As outras três raparigas de quem ainda não decorei os nomes sinto que têm mais dificuldade a nível das falas, bloqueiam um pouco às vezes, mas estão sempre interessadas e divertidas. (D3)</p> <p>O último ensaio foi um desastre pareceu-me, já eram quase 17h e eles quiseram ensaiar mais uma vez, mas demoraram novamente a escolher quem era quem e às tantas entraram duas raparigas, não reparei exactamente quando porque devia estar de costas, mas parece que ainda os distraíram mais. (D3)</p> <p>O ensaio da peça foi o de sempre, uns a querer concentrar-se e outros a perturbar. Houve uma altura em que o João e o Márcio começaram a picar-se um ao</p>	

outro e aí a Júlia teve que se chatear a sério. Depois o João ficou com uma atitude de contrariado e com um ar aborrecido. Sentou-se na sua cadeira com uma cara séria, dizendo que já não queria fazer o papel dele e que já estava farto de ensaiar que já sabia tudo. Entretanto a Júlia disse-lhes que aquele era o último ensaio e que nas próximas duas semanas não iam ensaiar porque ela não ia estar aí. Aí já mudaram de atitude, com o Henrique e algumas das raparigas, por exemplo, a dizerem aos outros que queriam ensaiar e a tentar meter uma certa ordem no resto do grupo.

Fizemos então um ensaio e a Natália atrapalhou-se um bocado com as falas. O João estava claramente chateado, voltou para a mesa dele e começou a reclamar que ela se enganava sempre. A Júlia disse “É a maneira que ela sabe fazer João” e ele sentou-se mais uma vez de braços cruzados. A Júlia perguntou se na peça ele também ia sair se alguém se enganasse e depois disse que tudo pode acontecer na apresentação de uma peça, uma peruca cair, alguém se esquecer de uma fala e que eles têm que se ajudar uns aos outros se alguma atrapalhação acontecer. (D6)

A apresentação da peça correu bem, dadas as circunstâncias. Estávamos num espaço aberto o que não ajuda com a projecção de voz. Além disso, estava uma ventania cada vez pior. E tínhamos um público muito particular, que era constituído pelas crianças pequenas que praticamente invadiram o palco. Lembro-me que a Natália, no seu papel de Directora, sentada na sua secretária, quase não se via porque tinha um aglomerado de miúdos à volta da “secretária” a olharem para ela muito atentamente. A Mafalda ou a Júlia, alguma delas comentou depois comigo que o respeito pelo palco e a noção de respeitar o espaço do outro tinha ainda que ser trabalhada com os mais pequenos. Ainda assim, mesmo com a invasão do palco, todos se desenrascaram muito bem *e pareceram-me muito tranquilos, tendo em conta que era a primeira vez que estávamos a apresentar em público. Parece-me sobretudo que eles estavam em casa!* (D8)

Durante a apresentação, numa altura em que o Márcio e a Rita estão a gozar com o Henrique e a Ana a Rita escorregou e disse: “O teu bafo já me deixa cair”, continuando em seguida como se nada se tivesse passado. Outra coisa que achei engraçado foi a Ana. Antes da peça começar a correia do sapato dela partiu-se então cortou a correia do outro e ficou com o sapato tipo chinelo, o que não era muito confortável para andar. Quando teve que se levantar para ir meter a carta debaixo da secretária da Directora da

**Gostam de novidades.**

**Mostra preocupação pela apresentação e responsabilidade.**

**Espírito de equipa/grupo. Uma questão que é trabalhada no teatro.**

**Senti-os descontraídos. Notou-se mesmo que estavam em casa. O bairro poderá transmitir segurança, familiaridade. Por outro lado sair do bairro é uma oportunidade para se libertarem e agirem espontaneamente.**

**Capacidade de improviso.**

Escola, como não estava a conseguir andar muito bem, simulou que torceu o pé e depois disse: “Fogo, parti o sapato”, colocou a carta e foi-se embora.

A peça correu melhor do que em qualquer ensaio. Na verdade ainda não tínhamos ensaiado tudo nas devidas condições, com as cenas todas, a música e o cenário, sem interrupções de maior. Quando a peça terminou todos dançaram, à maneira das suas personagens e depois a Júlia chamou-nos todos à frente para o público bater palmas. (D9)

Quando acabou retirámos os adereços e saímos da sala, ficando no pátio da ESEC. Eu, a Júlia e a Mafalda fomos perguntando o que é que eles tinham achado e de forma geral todos estavam satisfeitos menos a Natália e o Henrique. A Natália porque se tinha fartado de rir no improviso e estava tristíssima por isso. A Júlia disse- lhe que era normal, acontecia a todos e ainda por cima era a primeira vez que apresentávamos a peça em público. Pareceu-me que tentou sobretudo desvalorizar a situação e a Natália, essa sim, estava realmente triste com o seu desempenho pois continuava a insistir na ideia. O Henrique disse simplesmente: “Foi uma seca.” E nós compreendemos que tinha sido porque enquanto os restantes estiveram sempre a representar, ele, por ser o oprimido, foi sempre substituído e acabou por passar a maior parte do tempo sentado depois da primeira representação. (D9)

O ensaio foi rápido e apesar de não ensaiarmos desde o dia da universidade, correu bem. A Natália pareceu mais confiante, não gaguejou tanto nas suas falas e levantava mais a voz. (D12)

A peça em si não correu muito bem. Apesar de termos repetido a peça no dia anterior e de já todos sabermos de cor o que fazer, a verdade é que os miúdos não estavam concentrados. Eu acho que foi da brincadeira e da excitação de estar num lugar novo e como o público começou logo a entrar não pudemos fazer nenhum exercício de concentração antes de começar, pelo que ficou a fazer falta esse momentos de “encarnar a personagem”. A Rita contracenou sozinha, sem o Márcio e a mala que era suposto ela usar para bater na personagem do Henrique encalhou-se no cabelo, pelo que andou um bocado atrapalhada. Houve também uma altura no fim, em que a Natália era suposto dizer rua e como não disse houve um momento em que ficámos todos em

**Capacidade crítica. Desejo de aperfeiçoamento.**

**Aprendizagem. Evolução. Maior auto-confiança, talvez.**

silêncio até que eu tive que lhes dizer baixinho para continuarem.  
Enfim... nada de grave, tanto que o público percebeu a história e foram participativos e criativos nas soluções. (D13)

Antes de começar a apresentação da peça, quando estávamos a arrumar o espaço, a Cristina esteve o tempo todo a perguntar à Júlia se no fim da peça podiam dançar. A Rita fez a mesma pergunta. A Júlia disse que sim, claro, mas quando chegou a parte de dançar estavam cheias de vergonha e depois de muita hesitação acabaram por dançar timidamente, de costas para o público. A Rita nem foi dançar, apenas A Filipa, Cristina e a rapariga loira. A Cristina como estava virada de frente para mim, pois eu estava ali ao lado, dizia-me baixinho: “Diz à Júlia para parar!” – sendo que estava desejosa que ela parasse a música. Só que a Júlia não estava a olhar para mim então eu não conseguia transmitir-lhe a mensagem. Outro aspecto interessante a apontar durante a peça foi o ataque de riso da Natália enquanto estava a contracenar, sendo que desta vez saiu-se melhor do que na ESEC e conseguiu controlar-se pelo que durou menos tempo a risada. O João, quando confrontado com a situação de ter que passar de professor – opressor para aluno oprimido, esteve também muito bem na minha opinião. Toda a expressão corporal dele mudou, tinha uns ombros caídos e um olhar baixo, submisso, de quem não consegue encarar os outros de frente.

No fim falou-se um pouco sobre como correu. A Júlia disse que não correu muito bem, que estavam desconcentrados, mas não fez grande alarido disso e disse que para a próxima logo corre melhor. Do grupo ninguém parecia muito chateado pelo contrário, continuavam animados e divertidos. (D13)

Começámos a falar do projecto e ela disse que os constrangimentos que os miúdos sentem vêm não só da forma como os de fora da comunidade os vêem e os rotulam, mas também da própria comunidade. Falou-me de que os próprios ciganos acham que não devem fazer isto e aquilo e que passam essa ideia aos filhos. De que não podem ser médicos se quiserem, ou estudar, porque os ciganos não devem fazer isso, não lhes servirá de nada. Ela disse que uma das primeiras coisas que começa a trabalhar com os miúdos quando faz teatro e isso aconteceu na Horta da Areia também, é o facto de que eles podem ser tudo o que quiserem.

Disse-me que há famílias que não encaram bem o teatro exactamente porque

**A vontade de dançar, vergonha de dançar frente a uma plateia.**

**Desvalorizar o que corre mal e valorizar o que corre bem.  
Contribui para a auto-estima deles e para que sintam vontade de melhorar.**

**A própria comunidade – constrangimentos. Isto pode explicar porque é que ao mesmo tempo de sentem tão seguros lá afinal é a sua casa, também sentem necessidade de sair.**

**O teatro, um catalisador de**

	<p>não acreditam que os filhos, ciganos, possam fazer teatro. E que a aceitação leva algum tempo, mas que acontece. E que aos poucos, quando os vêm a fazer, começam os próprios pais a acreditar que isso é possível, quando vêm que eles até têm jeito. Falou do caso da mãe do João que pensavam que não ia dar autorização para ele ir a Olhão. O Paulo tinha-a avisado e à Mafalda, que ia ser difícil convencê-la. No entanto ela deixou. E uma vez que ela chegou ao bairro e uma senhora cigana veio falar com ela e estavam a falar da peça que eles apresentaram na festa da comemoração do aniversário do centro e esta estava muito surpreendida a dizer que a Rita tem muito jeito. Tudo isto são pequenos passos e pequenas coisas que vão tornando possível introduzir novidades como o teatro.</p> <p>Eu falei-lhe de que além disso o teatro ajuda a que eles tenham outras experiências, fora do bairro e ela concordou que isso também é muito importante. (D14)</p>	<p><b>mudança e mentalidade na própria comunidade.</b></p>
<p><b>4.6. Aspectos positivos do teatro</b></p>	<p>Achei engraçado o interesse deles pela língua materna da L., pois de vez em quando perguntavam-lhe como é que se dizia qualquer coisa em francês. Ela dizia e eles repetiam. Aquele que estava distraído chegou mesmo a folhear o dicionário de português - francês antes do fim dos ensaios. (D1)</p> <p>Quando a peça terminou todos dançaram, à maneira das suas personagens e depois a Júlia chamou-nos todos à frente para o público bater palmas. Antes dela começar o fórum, o Paulo pediu desculpa por interromper e disse que tinha que se ir embora mas que não queria sair sem dizer uma coisa: “Estou muito orgulhoso de vocês, eu sei que têm trabalhado muito. Nunca parei para ver o resultado final, só vos vejo a entrar e a sair, mas ‘tá mesmo muito bom e acho que se devem sentir orgulhosos do trabalho que têm ‘tado a fazer até agora. Os meus parabéns também à Júlia e obrigado à Mafalda.” E todos bateram palmas. Na verdade o primeiro a começar a bater palmas, com um sorriso nos lábios, foi o Márcio. Enquanto o Pedro falava vi os sorrisos da Filipa, Cristina, Ana e Rita a surgirem.</p> <p>A Júlia perguntou ao Pedro se era verdade aquela história, ao que este disse que sabe que são situações que acontecem com alguma frequência e faliu que não só na escola, mas também ao nível do emprego, “em que as pessoas mesmo com habilitações escolares e alguma formação profissional têm mais dificuldade em arranjar emprego do</p>	<p><b>Preconceitos sentidos no bairro.</b></p>

	<p>que outros só porque moram no bairro”. Referiu que isso é muitas vezes fruto do desconhecimento das pessoas e que é por isso que no centro fazem questão de incentivar as visitas de estudantes e outras pessoas que queiram conhecer a realidade do bairro. “Os sítios são feitos por pessoas, são iguais em todo o lado, a questão é que umas tiveram a sorte de nascer numa cidade e outros não tiveram essa sorte, simplesmente é isso. Mas volto a dar-vos os parabéns ‘tou mesmo muito orgulhoso de vocês.” E desta ouviu-se “Obrigada.”. (D9)</p> <p>Quando entrámos na sociedade a Júlia pegou num folheto que estavam num expositor à entrada e mostrou às raparigas que o nome “Minorias do Gueto” e da da peça de teatro estava lá escrito. Elas quiseram ver todas entusiasmadas e perguntaram se as pessoas vinham ver só a apresentação da nossa peça. Ela disse que sim, mas depois corrigiu explicando que no jardim iam haver outras actividades. (D13)</p> <p>A Júlia contou-me ainda que o grupo dos mais pequenos “Os dreads da Horta”, pegaram na história dos mais velhos, “A minha camisola vale mais que a tua casa” e fizeram uma história parecida, também envolvendo a escola, se bem que modificaram-na um pouco. Criaram a história de uma rapariga que é julgada como sendo muito bem comportada e que é sempre protegida pela mãe, mas que na verdade se comporta muito mal e é uma peste e implica com os colegas, professores e todos. A Júlia diz que um dos que faz de professor queria utilizar falas parecidas com o que o João usa e que a Júlia teve que lhe dizer que não pode porque o professor da outra peça é mau e este é bom. (D19)</p>	<p><b>1 exemplo para os mais novos, um modelo que querem seguir.</b></p>
<p><b>4.7. Metodologias utilizadas</b></p>	<p>Tal como a L. me tinha dito, quando cheguei soube logo onde estavam, pois do barracão de madeira perto da estrada conseguiam ouvir-se vozes de crianças e a da L. Entendi que estavam a fazer um exercício de voz, pois estavam a gritar coordenadamente ao som das indicações dela. (D1)</p> <p>Começámos por representar a peça sem utilizar sons e voz, para trabalhar a expressão corporal. (D1)</p> <p>Quando o ensaio terminou fizemos dois exercícios divertidos, o primeiro era o do</p>	<p><b>Trabalhar a expressão corporal.</b></p>

mosquito e eu fiquei de fora para ver como se fazia porque não conhecia e ao que me pareceu, requeria algum ensaio de coordenação. O segundo exercício eu também não conhecia mas um deles disse antes de começarem: “A Vânia também entra” e então fiz com eles. (D1)

Surpreendi-me quando cheguei à sala de ensaios, com as persianas corridas para baixo e vi os jovens já à volta da mesa e do computador da L. Iam assistir às filmagens que tinham sido feitas num dos ensaios da peça, antes de eu entrar. Estavam silenciosos. (D2)

Quando passámos ao visionamento do filme a L. recomendou aos jovens que prestassem atenção a algumas falas que lhes saíram espontaneamente e que seriam interessantes de se repetir e a eventuais erros que detectassem. (D2)

Vimos todo o ensaio. A L. foi fazendo correcções, dizendo que havia partes que estavam muito compridas e que entretanto agora já estão melhor, destacando frases chave ditas pelas distintas personagens e que deveriam ser repetidas, destacando alguns gestos, etc. Eu limitei-me a ver o filme e o restante grupo ia destacando os momentos mais engraçados e as falhas de alguns a nível de discurso, quando gaguejavam, ou de actuação quando demoravam muito tempo a reagir a algo. Quando chegaram os restantes três elementos que faltavam, os outros quiseram ver o filme outra vez mas a L. disse que não, que depois não tínhamos tempo para ensaiar e deixou-os só mostrar alguns momentos que tinham achado mais engraçado. (D2)

E depois falou-se de apresentar a peça em Junho e que até lá poderíamos fazer cenários, tais como desenhar em papel de cenário uma cidade com prédios e um bairro de barracas. Ele pareceram entusiasmados dizendo “que fixe!”. A L. disse que no próximo ensaio vamos trocar de papéis porque eles parecem já fartos de ensaiar sempre a mesma coisa e isso traz-lhes um novo desafio. (D2)

Quando a L. acabou com as crianças e estas saíram disse ao grupo que temos uma apresentação antes da que estava prevista em Julho e explicou-lhes que vai ser em Junho, na Universidade. Entretanto a L. acrescentou que eu já lhe tinha dado o vídeo da

**Oportunidade de visionar o seu trabalho, para poderem falar sobre isso e melhorar.**

**Cenografia. Que não chegou a acontecer, o que mostra o carácter dinâmico imprevisível da actividade.**

peça que fizemos que tínhamos falado na semana passada e que não tinha trazido o computador para ver, mas que víamos depois para eles perceberem o que é um fórum e como funciona. (D3)

Ainda demorámos um bom bocado a começar porque era o dia de trocarmos de papéis e primeiro que eles decidissem que é que ia ser quem, ainda levou um bocado e a Júlia teve que lhes chamar a atenção para o facto de irmos ensaiar várias vezes e depois poderiam trocar de papéis outra vez. (D3)

Ensaíamos uma vez. Depois ficámos a falar sobre a peça e a música que vamos utilizar. Ao início pensámos como poderíamos colocar as miúdas a dançar música cigana, mais as raparigas ricas a dançar as suas músicas, como se fosse uma *battle*. Eu sugeri que se colocasse ao início, antes de entrarem para a “aula”. A L. achou boa ideia. Começámos então a escolher nos cd’s que eles tinham algumas músicas ciganas que poderiam dançar. Andávamos á procura de uma música que fosse cigana, mas recente, para mostrar um género diferente daquele que é usual ouvir. (D4)

Perto do fim falámos da criação de um cenário, que deveria conter num lado uma cidade com prédios alto e no outro lado barracas. Ficámos de construir isso juntos num dos próximos ensaios. (D5)

Fizemos então um ensaio e a Natália atrapalhou-se um bocado com as falas. O João estava claramente chateado, voltou para a mesa dele e começou a reclamar que ela se enganava sempre. A Júlia disse “É a maneira que ela sabe fazer João” e ele sentou-se mais uma vez de braços cruzados. A Júlia perguntou se na peça ele também ia sair se alguém se enganasse e depois disse que tudo pode acontecer na apresentação de uma peça, uma peruca cair, alguém se esquecer de uma fala e que eles têm que se ajudar uns aos outros se alguma atrapalhação acontecer. (D6)

Quando cheguei à sala 55 o grupo já tinha chegado. Andavam atrás das cortinas pretas, a Júlia estava com um outro rapaz, que foi com eles, a ver o sistema de som. Estavam o Paulo, o Pedro e a Mafalda também. ... Depois a Júlia tratou de nos reunir a todos, atrás da cortina preta e fizemos um pequeno exercício de concentração, antes de

**Música e dança. Utilização de coisas que eles gostam e com as quais se identificam nas peças de T.O.**

**Os passos da apresentação de uma peça de teatro fórum...**

começar em que ela falou connosco e advertiu para se alguma coisa acontecer que não é esperado improvisamos, se alguém se esquecer de alguma coisa, os colegas ajudam e disse que não é grave se isso acontecer. No fim juntámos as mãos ao centro, umas em cima das outras e gritámos todos “Minorias do Gueto!”. A Júlia saiu de trás da cortina, começou a cumprimentar o público, a apresentar o teatro do oprimido. Perguntou o que é o teatro do oprimido, do parte do público algumas pessoas já conheciam então uma explicou. Depois perguntou “E é um teatro que vem de onde? De que país?”. Alguém deve ter dito alguma coisa porque ela respondeu: “O país da Rebeca, exacto. Vem do Brasil.” E contou a história do Augusto Boal, nos anos 60. Entretanto o barulho lá atrás tinha-se intensificado.

Então a Júlia continuou, falando do contexto de ditadura e de como Boal decidiu utilizar a metodologia do teatro “para falar dos problemas das pessoas a sobretudo para pensar em alternativas. Portanto não é um teatro triste, é um teatro que propõe soluções e alternativas.”, sendo que acrescentou que é o público quem dá essas alternativas. E explicou as regras do jogo: “Nós vamos propor-vos uma história que tem um fim triste, nós achamos que é um fim triste e vamos pedir a vocês de pensarem connosco como é que faríamos para resolver essa situação.” E explicou o conceito de espetadores, concluindo que “Isto são as grandes linhas, são as regras do jogo.”

Em seguida fez um jogo para aquecer o público e lá atrás continuava um rodopio de pés por debaixo da cortina, se bem que agora já mais silenciosos. (D9)